



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

**PALI KABYP KÎ WEP KÎA MÃJ PANAN? AS RELAÇÕES NATUREZA E
CULTURA EM UMA NARRATIVA ZORÓ**

Hugo Cinta Larga

Ji-Paraná – 2017

HUGO CINTA LARGA

**PALI KABYP KÎ WEP KÎA MÃJ PANAN? AS RELAÇÕES NATUREZA E
CULTURA EM UMA NARRATIVA ZORÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural na área específica Ciências da Sociedade Intercultural, sob orientação da Professora Mestre Luciana Castro de Paula.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
 CAMPUS DE JI-PARANÁ
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e dois dias de dezembro de dois mil e dezessete a Banca Avaliadora composta pelos docentes **Profª. Ma. Luciana Castro de Paula** (orientadora), **Profª. Doutor Fábio Pereira Couto** (membro) e **Profª. Ma. Vanúbia Sampaio dos Santos Lopes** (membro) reuniram-se para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Hugo Cinta Larga** do curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, com o título "**PALI KABYP KÍ WEP KÍÁ MÃJ PANAN? As relações natureza e cultura em uma narrativa Zoró**" orientado pela profª. Ma. Luciana Castro de Paula. Após atribuição das notas, o trabalho de conclusão de curso obteve a Média Final 100 (CEM PONTOS), tendo sido considerado APROVADO.

Ji-Paraná, 22 de dezembro de 2017.

Profª. Ma. Luciana Castro de Paula
 Orientadora – DEINTER/UNIR

Prof. Dr. Fábio Pereira Couto - DEINTER/UNIR

Profª Ma. Vanúbia Sampaio dos Santos Lopes - DEINTER/UNIR

Resultado - Ciente do/a Estudante no dia 22 / 12 / 2017

Assinatura do estudante

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao meu tio **Valdo Pewandjut Zoró** e minha avó **Joana Nepu Kylyjam Zoró**, pois foi através deles que aprendi a gostar de ouvir as narrativas do Povo Zoró e a valorizá-las e poder passar adiante para meus filhos e eles continuarem passando para meus netos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me colocado nesse mundo através da minha mãe e do meu pai, e por te me guiado e me protegido durante o curso e até nesse dia atual.

Em segundo lugar, a minha família, a minha mulher, que durante o curso teve paciência de me esperar enquanto estava nas etapas e não me abandonou nas horas das dificuldades, sempre esteve ao meu lado acima de tudo. Ao meu tio, Valdo Pewandjut Zoró, que foi umas das referências para a escolha do tema e me ajudou muito com este trabalho, sendo meu principal colaborador. Ao meu cunhado, Sandro I' Ap Zoró que me ajudou nas correções da língua Pangyjej Zoró e também ao meu sogro, Francisco Embusã Zoró e seu irmão Agnaldo Zawandú Zoró que me incentivaram para que eu não desistisse e concluísse o curso.

À minha mãe e meu pai, Maria Bepixygyg Zoró e Eusébio Cinta Larga, que mesmo distante de mim rezavam por mim pra que nada de mal me acontecesse, sempre me dando conselho pra não ir para o mau caminho. Obrigado mãe e pai por tudo, amo vocês de mais!

Ao cacique Humberto Pandere Wup Zoró e sua esposa, dona Ligia Neiva que estão sempre lutando pelas causas indígenas, e na educação não é diferente. Obrigado Lígia e Pan por sempre estarem lutando por nossos direitos.

A minha avó, Joana Nepu Kylyjam Zoró que teve participação importante nesse trabalho. Obrigado Vó, te amo muito e sou muito grato a você por tudo que você fez e faz até hoje.

A professora Luciana Castro de Paula que teve paciência em me orientar por esses dois anos e durante o curso também. Obrigado professora serei sempre grato a senhora por esses anos todos.

Aos meus professores da Licenciatura Intercultural: Edineia Isidoro, Joaci Barboza, Maria Lúcia, Genivaldo, Reginaldo, Cristóvão, Kécio e a minha orientadora Luciana Castro de Paula. Obrigado a todas e todos pela paciência.

À banca avaliadora deste trabalho, Professora Mestre Vanúbia Sampaio e Professor Doutor Fábio Couto, por aceitarem o convite e contribuírem para o meu crescimento profissional.

À UNIR por atender às nossas demandas de criar um o curso específico e diferenciado para formação de professores indígenas, a Licenciatura em Educação

Básica Intercultural e por nos receber de braços abertos, apesar de todas as dificuldades. Muito grato por isso.

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi registrar o mito do povo Zoró Pangyjej que habitam na Terra Indígena Zoró no município de Rondolândia, Mato Grosso, por que ainda não tem este mito escrito na íntegra e também por que os mitos não estão sendo mais contados pelos anciãos para os jovens de hoje e com isso podem vir a ser perder. Desde a minha infância eu ouço esse mito contado pelo meu tio, Valdo Pewandjut Zoró, ele contava para mim a noite, enquanto ele contava eu dormia, nem via o término do mito, então essa foi também a minha motivação para eu escolher esse tema de pesquisa. Fazendo o registro não terá o risco de se perder. Em um primeiro momento foi apresentado o objetivo do projeto para o meu tio que era trabalhar com o mito da Kabyp e da sua irmã Wep que queriam se casar e se poderia gravar com ele. A gravação do mito foi feita com gravador contado por ele e em seguida, transcrevi na língua Panyjej Zoró e na língua Portuguesa. Participaram também os caciques Benamor Dabyt e Manoel Zoró e minha avó Joana Nepu Kylyjam Zoró através de perguntas para colaborar na análise das relações natureza e cultura presentes na narrativa. Foi possível perceber algumas categorias de análise a partir da reflexão sobre a história e as entrevistas com os colaboradores. Essa narrativa aponta aspectos importantes na vida social do povo Zoró, marca origem da desobediência, do ciúme e da briga por mulheres, além de categorizar aspectos da personalidade e nomeação de pessoas do grupo e a transformação de animais. Também faz referência a como o Zoró se percebe no mundo de forma interligada com a natureza e a cultura. É importante destacar que com a conclusão do trabalho ele também servirá como material de apoio na escola e também de incentivo para outros acadêmicos a escrever outras histórias do povo. Escrever essas histórias é fundamental para a manutenção das narrativas orais enquanto os velhos estão vivos, porque depois da partida deles, as histórias também vão junto com eles, por isso este trabalho de valorização das narrativas míticas do povo Zoró Panyjej.

Palavras-chave: Mito Zoró. Narrativa. Natureza. Cultura.

RESUMO NA LÍNGUA PANGYJEJ ZORÓ

Kabyp ki xisanu wep kia maj pane tigi mena ma TCC na uma kali Faculdade pi Jiparana piá, We tigi mena jalaj kuemi ki Pangyjej kuemi kia mena wetigia ,wepana tete pajande aratigi mene ka ki wepana um panderej sande adjyt meneka ki weta um adjyt maj wudjirej japia meneka mena we tingia enatea, ebu pagu sep tingip ákuj sep ankena galip pia, eka gusep tigiej jali we pana ki wema tu kia bywej kaja, eka tankena we kaj ama kuba we kaja, ana bu te jena panda aratigia tajali we kaja,ana mena wemaga ebu ma bala kutkut Pewadjut kue igia bala karea mam pi bu mena xikue tingia ,bere kala wade meneka ma enate Bernabu pi ki Manoel pi kia mawe ma,ã epibuma wetingia, ma kut kut nepu kylyjam pi ma enate mawe ma,ã éna mena wemaga we mapa ki pazande pambare ki mena ka mena we tingia we tigip ka te pali weta , dji nate pagena ma we tingi pambare ki nalia panderej pi wema,ã, wema um tere pagena wetigi um pazande mene ká, etigi de pama panderej sa awi pambare ta kia mene ka pangena pambare tingi ki tere kia, mene mi te bu mapare agena awi taj ta enatea, ewe ka pangena ma ej djabá gusep tingej na mawe tingi pambarena takaja we parat mena pambare tigi pazande meneka ebu pagena we tigip ka tete weta panderej ibep ká, ebu adjyt māj wudjyrej agena we tingip ka tete pambare kaj amakuba panderej ibep kuja.

Ena meneka mena awe tingi pambarena wemapa pajapia mene ka.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - As irmãs Kabyp e Wep. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017	19
Figura 2 - Kasal, arara. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	20
Figura 3 - Bakuwa, coruja. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	22
Figura 4 - Wakuju, mutum. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	25
Figura 5 - Neku, onça. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	27
Figura 6 - Amuã, tartaruga da lagoa. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	32
Figura 7 - Wanzuj, tatu 15 kilos. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 TRAJETÓRIA DE VIDA.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	15
3 PALI KABYP KÎ WEP KÎA MÃJ PANAN?.....	19
3.1 O MITO.....	19
3.2 O MITO E SEUS SIGNIFICADOS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso foi registrar um mito do Povo Zoró Panyjeje, que habita na Terra Indígena Zoró no município de Rondolândia estado do Mato Grosso. Decidi fazer o trabalho de pesquisa sobre os mitos do Povo Zoró primeiro porque os velhos não estão mais contando os mitos para as crianças e os jovens da aldeia, e com isso veio a preocupação de vir a ser perder estas importantes narrativas do povo e pensei que registrando não teria tanto o risco de se perder, dentro do povo Zoró, os mitos que vinham sendo contados de geração em geração, uma vez que, isso é um patrimônio imaterial dos Zoró que não pode ser perdido. A ideia então era fazer o trabalho e deixar disponível na escola para ser trabalhado por nós, professores, junto aos alunos e sabedores, e assim reviver as narrativas e histórias de origem do povo.

Quando iniciei a pesquisa, percebi que este tema é muito amplo e trabalhar com todo universo mitológico dos Zoró seria muito demorado e complexo. Com a ajuda da minha orientadora, achei importante traçar um recorte e uma perspectiva de análise dentro dessa grande temática. Então, refleti um pouco e decidi trabalhar apenas com um mito Zoró: a história de Kabyp e sua irmã Wep que queriam se casar.

Desde a minha infância eu escuto esse mito contado pelo meu tio Valdo Pewandjut Zoró. Ele contava para mim à noite, é uma história longa e cheia de detalhes, então enquanto ele contava eu dormia e nem via o término do mito. Assim, ele levava várias noites contando até chegar o final da história. Enquanto ele contava a história, as outras pessoas da casa, como sua esposa e a minha avó iam escutando, rindo e discutindo as várias versões da história. Então por conta disso, percebi que essa narrativa é especial, porque era contada apenas à noite e para uma pessoa, mas quem estava próximo se envolvia e logo todos ouviam e participavam. Uns dormiam, outros seguiam ouvindo. Na outra noite, retomava de onde tinha parado e continuava contando.

Também todo o povo Zoró gosta desta narrativa, se divertem com a contação dela e gosta de comparar os personagens do mito com as pessoas reais da aldeia. Por exemplo, uma pessoa brava é comparada com as onças, uma menina que fala o que pensa, não segura a boca, é comparada com a irmã Kabyp, o menino que fica rodeando as mulheres, atentando elas é comparado com a Bakuwa, a coruja faceira.

Sendo assim, cheguei ao objetivo central deste trabalho que foi pesquisar e registrar o mito de Kabyp e sua irmã Wep que queriam se casar, transcrever na língua Panyjeje Zoró, traduzir para a língua portuguesa e discutir seus significados a partir das relações natureza e cultura presentes no mito.

Como esse mito ainda não foi registrado de forma escrita, pelo menos em sua versão completa, decidi fazer e além disso, traduzir para o português, tanto para uso em nossa própria escola tanto para pessoas não indígenas que se interessam em conhecer, fazendo assim, desta pesquisa também um trabalho de interculturalidade. Mas acima de tudo, espero que esse trabalho traga motivação para os jovens de hoje perceberem a importância da sua cultura e mitos enquanto Zoró.

A pesquisa foi realizada na minha aldeia Gala Andjut e na Aldeia Escola Zawã Karej Panyjeje entre 2016 e 2017. Em um primeiro momento, foi apresentado o objetivo do projeto para o meu tio, logo em seguida pedi para ele se podia contar o mito da Kabyp e da sua irmã Wep e se eu poderia gravar enquanto ele contava o mito. Ele concordou e assim foi feita a gravação. A gravação do mito foi feita através do gravador do celular e em seguida eu transcrevi na língua Panyjeje e depois traduzi para a língua Portuguesa. Neste processo participaram, também, os caciques Benamor e Manoel e minha avó Joana Nepu Kylyjam Zoró através de perguntas elaboradas por mim, para colaborar na parte da sistematização para a análise das relações natureza e cultura presentes na narrativa. Para concluir, fiz um breve trabalho na escola em que dou aulas com meus alunos de 6º a 9º anos, e alguns desenhos dos personagens da história para ilustrar o capítulo das narrativas.

É importante destacar que depois da conclusão do trabalho, espero que num futuro próximo, seja utilizado como material didático nas escolas da Terra Indígena Zoró ou até mesmo de outros povos indígenas e não indígenas que se interessem. Também acredito que servirá de incentivo para outros acadêmicos a registrar outras histórias do povo. Escrever essas narrativas orais, pelo menos enquanto os velhos ainda estão vivos, é fundamental para a manutenção das histórias de origem que nós, Zoró, conhecemos desde muitos anos, pois depois da partida deles as histórias, se não escritas e ou guardadas em nossas memórias, também irão junto com eles, por isso este trabalho de valorização dos mitos do povo Zoró Panyjeje.

Para me ajudar no referencial teórico da pesquisa fiz algumas leituras para compreender melhor o tema, por exemplo: de Júlio Cezár Melatti, o livro Índios do Brasil (2007), de Betty Mindlin e narradores indígenas, o livro Mitos Indígenas (2006) e o artigo também de Betty Mindlin, O fogo e as chamas dos mitos (2002) que colaboraram para a definição de mito e um pouco do contexto deste tema para os vários povos do Brasil; a leitura de Roberto Cardoso de Oliveira no livro, O trabalho do Antropólogo (2006), mais especificamente o capítulo O trabalho do antropólogo: olhar,

ouvir, escrever, me ajudou um pouco na compreensão do papel do pesquisador e o trabalho de campo e sua relação com os colaboradores.

O trabalho foi organizado com os seguintes capítulos: o primeiro é sobre minha trajetória de vida, refere-se a minha história de vida pessoal, acadêmica e profissional. O capítulo 2 apresento o referencial teórico e o percurso metodológico da pesquisa, no capítulo 3, chamado PALI KABYP KÎ WEP KÎA MÃJ PANAN, no item 3.1 faço a transcrição na íntegra do mito na língua Panyjeje Zoró e traduzo para a língua portuguesa e no item 3.2 apresento a sistematização da análise proposta a partir do mito e seus significados nas relações natureza e cultura, e por fim, as considerações finais do trabalho.

1 TRAJETÓRIA DE VIDA

Meu nome é Hugo Cinta Larga, tenho trinta e seis anos, moro na Terra Indígena Zoró, minha mãe se chama Maria Bepixygy Zoró e meu pai Euzébio Cinta Larga.

Eu nasci na aldeia Buburej na Terra Indígena Zoró em 02 de janeiro de 1981, no município de Rondolândia, Mato Grosso. Lembro pouco da minha infância. Sei que brincava pouco. Eu gostava mais era de matar passarinho com estilingue e na tocaia. Eu fazia muito isso, não me lembro de ter frequentado escola nessa época.

Aos dez anos mais ou menos meu pai me levou para estudar na cidade, na escola não indígena no estado de Rondônia, distrito de Riozinho que pertence ao município de Cacoal. Lembro que o marido da minha tia (irmã de meu pai), Mário Braga Dias Filho, não lembro se era do povo Aikanã, hoje falecido, me matriculou na primeira série do ensino fundamental, isso foi por volta de 1991. Quando eu fui pela primeira vez para a escola eu fiquei muito nervoso e com vergonha, quando entrei na sala parecia que todos os alunos estavam me olhando e fiquei com vergonha. Nessa sala estavam também matriculados dois indígenas, o meu tio Jorge Cinta Larga e uma amiga Bethe Cinta Larga. Assim foi a primeira vez que eu entrei numa escola para estudar, não conhecia uma letra do alfabeto, vogais e não sabia ler, estava perdido na sala de aula. Relembro que eu desisti no meio do ano e fui embora para aldeia onde o meu tio Valdo Zoró morava, fui morar com ele.

Enquanto eu estava na aldeia fiquei frequentando a escola lá. Não me lembro de quem era a professora, mas eu aprendi alguma coisa com ela. Falo isso porque quando eu retornei para escola em Riozinho para continuar com o meu estudo, depois mais ou menos dois anos, eu já conhecia as letras e algumas contas. Também lembro que eu tirava notas altas e nesse ano passei direto e fui para segunda série e assim por diante até a quinta série.

Terminei o meu ensino fundamental e médio na Aldeia Escola Indígena Estadual ZARUEJ - ANEXO I. Nessa época, a maioria dos professores eram não indígenas e hoje são apenas um professor não indígena que trabalham lá, todos os outros são indígenas, inclusive eu.

Depois que terminei o ensino médio fiz o vestibular da Licenciatura Intercultural em 2010 para ingressar em 2011. Naquele ano, não estava tão motivado em continuar estudando, ainda não era professor na época, mas todos que fizeram o vestibular

passaram, então, por isso que hoje estou aqui na Universidade Federal de Rondônia - UNIR, em Ji-Paraná, Rondônia. Assim foi o meu caminho até chegar até a UNIR.

Depois de três anos cursando a licenciatura escolhi como área específica a Ciências da Sociedade Intercultural. Escolhi porque eu gosto, principalmente da história e geografia, e também das discussões relacionadas a antropologia, pois na escola a gente trabalha bastante os conteúdos de cultura do povo, inclusive com a presença de sabedores do povo que atuam como orientadores da cultura. Como na nossa escola não tem um professor formado nessa área, ajudou na escolha.

Para o meu trabalho de conclusão de curso escolhi como tema o Mito da Kabyp e da sua irmã Wep, uma narrativa que eu cresci ouvindo o meu tio Valdo (irmão da minha mãe) contar para eu dormir, e também hoje os mais velhos não estão mais contando esse mito um pouco por conta da influência da religião externa e por esse motivo os anciãos estão deixando de lado a contação dos mitos deles para os jovens. Isso também me motivou para a escolha desse tema.

Se o mito ficar apenas na narrativa oral e nas memórias dos mais velhos pode acabar os mitos. Então isso me incentivou, fazendo esse trabalho estarei resgatando o mito para que não acabe e após terminar o TCC ele também pode servir como material didático nas nossas escolas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Quando eu entrei na universidade eu não sabia que tinha que fazer o TCC para mim era só assistir aulas, estudar, fazer umas provas e pronto eu estava formado. Um dia, algum de nossos professores ou professoras falou na sala que para nós terminarmos o curso teríamos que fazer um trabalho de pesquisa. Ou seja, teríamos que escolher um tema, fazer um projeto e apresentar. Então, fiquei pensando: E agora, o que vou fazer? Primeiro pensei em fazer sobre os Clãs Zoró, mas soube pela minha orientadora, já tinha um colega fazendo esse tema, então minha segunda opção foi trabalhar com os mitos. Após iniciar, recortei a temática para o registro e análise do mito de Kabyp e sua irmã Wep que queriam se casar.

Para encaminhar a pesquisa, decidi que teria que fazer entrevistas com pessoas escolhidas que poderiam me ajudar nessa tarefa. As pessoas que escolhi para serem meus colaboradores foram o meu tio Valdo Pewandjut Zoró, meu cunhado Sandro I' Ap Zoró, o cacique Benamor Dabyt e o orientador da cultura Manoel Zoró e minha avó Joana Nepu Kylyjam Zoró.

O Valdo que é meu tio, escolhi porque foi ele que sempre contava para mim essa história desde quando eu era criança, então eu sei que ele sabe bem como é o mito e por esse motivo que eu escolhi ele para me ajudar.

O Sandro, convidei ele para me ajudar na escrita da língua Pangyjej Zoró, pois como ele domina bem a escrita de nossa língua, então o escolhi para me ajudar nas correções da língua, principalmente, na transcrição do mito presente no capítulo 3.1. Ele aceitou meu convite e fizemos juntos o trabalho de revisão. Benamor Dabyt e Manoel Zoró colaboraram quando eu precisava tirar dúvidas quanto a alguns detalhes da narrativa, então eu aproveitava a presença deles na aldeia escola e ia conversar e esclarecer minhas dúvidas.

A escolha da minha avó como colaboradora foi também para responder algumas questões referentes a sistematização para a análise e significados do mito, mas inclusive para me ajudar na parte de reativar minhas memórias de infância, para a escrita de minha trajetória e de minha relação com o tema.

A parte da pesquisa mais demorada foi com o meu tio Valdo, ou seja, ele se tornou o meu principal colaborador. Foram três encontros seguidos, esses encontros foram para gravar ele contando o mito. Precisamos de vários momentos, primeiro

porque esta narrativa é longa e tem muita riqueza de detalhes, depois porque eu só ia com ele nos seus momentos de descanso, quando ele estava bem disposto, após o trabalho. Eu também não tinha todo o tempo livre, por conta do trabalho na escola. Ele não me pareceu acanhado ou envergonhado com a gravação, ficou normal quando eu estava gravando ele contar o mito. Acho que porque ele já estava acostumado comigo, pois sou como filho dele, então com a convivência de muitos anos e o fato de ele ser muito acostumado a contar essa história, nossos momentos de entrevista foram tranquilos. Da mesma forma, eu também fiquei bem tranquilo, pois já estava acostumado a ouvir a história quando criança.

Então, eu gravei toda a narrativa com o gravador do meu celular, em seguida fiz a transcrição para a minha língua materna, após isso fiz a revisão junto com o meu cunhado Sandro. Na sequência do trabalho, fiz a tradução para a língua portuguesa.

Para a análise do mito, eu percebi que um dos aspectos mais fortes da narrativa eram as relações natureza e cultura presentes no decorrer de toda a história. Assim me interessei em tentar aprofundar os significados do mito e as relações com a vida social do Povo Zoró. Para isso, passei para a fase da sistematização. Optei por fazer um quadro onde aponto os personagens presentes na narrativa, tanto bichos quanto gente, seu papel na história e sua importância no mito, tentando estabelecer alguns aspectos da relação natureza e cultura para a vida social do Povo Zoró.

No decorrer desse processo de amadurecimento da pesquisa encontrei alguns obstáculos. Na verdade, eu mesmo não acreditava muito em mim, em minha capacidade de fazer. Pois eu via esse momento do trabalho de conclusão de curso como um bicho de sete cabeças, eu me perguntava, será que vou ser capaz de escrever da forma que tem que ser escrito? Eu via os colegas das outras turmas fazendo e não entendia o que era, por exemplo, metodologia, referencial teórico, problemática. Essas palavras que me causavam receio e certo desânimo, pois não conseguia entender o que significava, então achei que não conseguiria fazer e concluir esse curso. Então, depois de algum tempo com a minha mulher me apoiando para eu terminar e também o meu sogro me incentivando, além da minha orientadora me chamando para retomar o trabalho o tempo todo, decidi encarar o desafio. Com o tempo fui me adaptando a linguagem difícil de um trabalho acadêmico muito em função das leituras dos trabalhos dos colegas de curso que terminaram antes de mim, além das bibliografias lidas para desenvolvimento do projeto e da pesquisa. Com isso, aos poucos fui amadurecendo e compreendendo o processo de pesquisar e colocar as ideias no papel.

Uma das partes que mais gostei de fazer, foram as gravações e momentos de tirar dúvidas com meus colaboradores e também do desafio da fase da tradução para a língua portuguesa, pois foi a primeira vez que fiz esse trabalho. Foi um grande esforço, por que não é simples fazer uma tradução de uma ideia, palavra ou expressão da língua materna para a língua portuguesa, até porque o Português é a minha segunda língua. Mas depois que concluí, fiquei com a sensação que não era tão difícil, eu é que estava com receio de começar.

Mellati, em seu livro, *Índios do Brasil* (2006), relata que os mitos são contados à noite, nas horas de descanso. No Povo Zoró acontece dessa forma, minha relação com as narrativas e a contação vem dessa experiência. Minhas memórias são do meu tio contando para mim e para seus filhos à noite na hora de dormir. Por exemplo, a maioria das vezes, eu nem ouvia o final, o narrador ia contando e eu dormia, e depois que todos dormiam o narrador parava de contar.

"Esse mito das irmãs Kabyp e Wep que queriam se casar era muito contado antigamente, muitos anciãos gostavam de contá-los para os jovens, adultos e, principalmente, para as crianças." (Hugo Cinta Larga/ Joana Nepu Kylyjam Zoró - setembro/2016).

A antropóloga Betty Mindlin é uma grande entusiasta das narrativas indígenas e produziu vários livros junto com narradores indígenas. No artigo, *O fogo e as chamas dos mitos* (2002) ela aponta que:

Para os índios, a mitologia é a verdadeira história do mundo - não é fantástica nem mito como nós o vemos. Mircea Eliade insiste em que se deveria pensar em mitos vivos para aprender o seu significado [...]. Na maior parte dos 200 povos indígenas brasileiros, a mitologia é ainda viva, transmitida oralmente de uma geração a outra. Nos Suruí de Rondônia, autodenominados Paiter (plural Paiterei), gente verdadeira, Nós mesmos, com os quais convivi, ao todo, cerca de um ano e meio, o caráter histórico que conferiam à mitologia saltava aos olhos. (MINDLIN, 2002. p.150).

Assim como citado acima, os mitos do Povo Zoró também são transmitidos oralmente de geração em geração pelos velhos através da contação das narrativas nos momentos de descanso, à noite. Normalmente, os netos pediam para os avós contarem. Também, essas narrativas sempre foram entendidas como verdade histórica e não como ficção. Porém, com a influência das missões evangélicas com a religião externa sobre o Povo Zoró, é possível perceber que vem pausando a contação dos mitos e também mudando a visão sobre o mito no sentido de não acreditar mais nos significados que eles trazem.

Mindlin, ainda em seu artigo, faz referência ao machado: "Vê se que machado e fogo estão associados em muitos mitos – e machado, se formos seguir o tema, está muito associado a emergência da humanidade" (2002, p.155). Nos mitos do Povo Zoró o machado também está presente, inclusive o machado está representado na narrativa deste trabalho quando o Paxit ti, tipo de pássaro, dá uma machadada na cabeça do Bakuwa, coruja.

Ainda fazendo referência as suas pesquisas junto aos Paiter, Betty levanta um aspecto importante para, nós, indígenas.

Quando conversávamos sobre a teoria da evolução, de Darwin, por exemplo, afirmavam que sua teoria era semelhante, mas exatamente contrária: na sua história, diziam, os bichos, antigamente, no início do mundo, eram gente, e foram se transformando em animais segundo narrativas que contam. (MINDLIN, 2002, p.150)

O Povo Zoró também entende dessa forma, havia gente que se transformava em bicho, por exemplo, no mito do Gavião Real, o homem se transforma em gavião. E vários outros mitos trazem essa referência que nos leva a pensar nas concepções de natureza e cultura do Povo Zoró. Já no mito transcrito neste trabalho é possível perceber que os animais antigamente eram como gente, e se relacionavam com pessoas normalmente. Mas contam que quando Gurá, Deus, viu que os animais e humanos estavam se casando um com outro resolveu separar os animais e humanos, assim que o povo Zoró conta. Porém, percebo que essa explicação precisa ser mais aprofundada em pesquisa para que seja dada uma conclusão mais assertiva/correta, pois pode dar a entender uma "adaptação" de narrativas míticas com histórias bíblicas/cristãs.

Após apresentar os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, dou sequência no trabalho, transcrevendo, no próximo capítulo, a narrativa gravada. Primeiro faço na língua materna e depois na língua portuguesa. Em seguida apresento a sistematização proposta a partir da análise das relações natureza e cultura e vida social Zoró.

3 PALI KABYP KÎ WEP KÎA MÃJ PANAN?

3.1 O MITO

KABYP KÎ WEP KÎ BAKÚWYT KÎ PAXIT TI KI XUM GYP KIA MAJ
PANEÃ

Etere Kabyp wej ma ama papa kajá;

--- Papa tu men kala tunga, alej ma ama papa kajá.

---Mej gia, alej ma papa má eweka alej kajá.

Ebalej ma basep pup paliri pupagej supup andyra.

Ebu kasalej malu tanã bala tapere xig ká.

Tu menej anga kabyp ej ma ama papa kajá.

Am wã tama, takûj be sat tumenej adjap ma tama ama papa kajá.

Maj ibep kuj bu kinej maluá.

Ena te tama ta kajá.

Takûj be sat tama alej mata kajá.

Epi bu wakuj maluá.

Ebalej ma e kaja ã bu tumen anga ama papa kaj kiã.

Ebu tama alu wesuã sambu mawu ki xipi mawu kia tamá.

Menuj bu sakena we mi puã ma ta kajá.

Etigi te bu Paxí ti malu e wakuj kaj pa alej saliá.

Ebu alej ma wakuj malitê Paxí ti ikini adjande mene ká.

Ã bu tumen anga alej ma ama papa kajá.

Menûj anga we mia ma ta kajá.

Ejta tũka tama Paxi ti kajá.

Am wã liã ma ta kajá.

Am ma xima gaj pere parara ma takaj ewe ká.

Ate unzaj anga ma ta kajá.

Ebu alej ma atea lia ewe ka Paxi ti kajá.

Ebu akun ba tere ibale ma e amen ikini alej djande mene ká.

Ebu Bakúwyt ma parat ma ki ta kajá.

Ebu alu mena berea tete alej agyn ká.

Pim, pim, pimgudylyj alu ma bereá.

Ebu kabyp ej ma apasala kaj ewe ká.

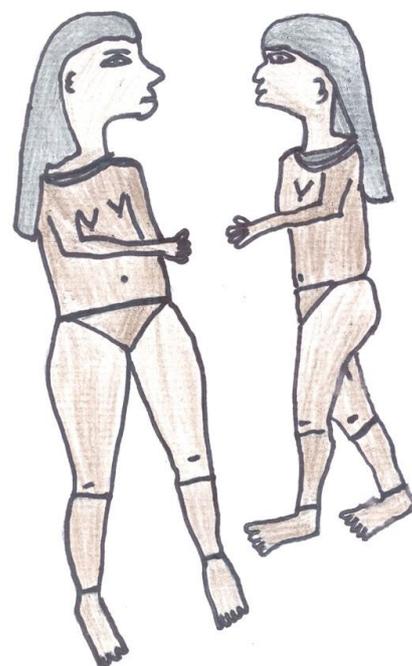


Figura 1: As irmãs Kabyp e Wep. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

Ebu tama kajá.
 Pangyn ka tete te dji sã sewyp sa ibala tama kajá.
 Ana te mesena te wadjejá?
 Am wã tugyn ka tete alu saba ibala tungena engaja tama kajá.
 Djia lia ma ta kaja ambu wudjit parat anga lia ma ta kajá.
 Ena tunga tama kajá.
 Ebu ma terena ewe ka jambu kabi ibala ewe ká.
 E balej ma kaj kiã.
 --- Ekate te e indjakap tangyn sa kiã.
 --- Ana te mensena wadjejá?
 --- Am wã tugyn ka te alu djabá tungena engajá.
 Etigi te bu Paxit ti ma aká.
 Antere unga mejala lia ma kabyp ej kajá.
 Engala tũka lia tama kajá.
 Me kerea Paxit mã ta kajá.
 A sep tut manga Bakúwyt anga be kujalia ma ta kajá.
 Ebu unga Bakúwyt sep tut manga be kuj jaliá.
 Ebu e kabyp ej mãka e Paxi ti kalá.
 Ebu alej ma e Paxi ti sep ikini Bakúwyt pe kujá.
 ãkuj bu sakena puã alej má.
 Am wã e alu sanu ma, Bakúwyt sep anga be kuja lia bu taj pangaj puã.
 Ebu alej mãka e Paxi ti sep kuja, e Bakúwyt sep kuj mene adjap wá.
 Ebu alej mãka Bakúwyt kujá.
 Bakúwyt Sali awulu pi a sap abi tará.
 Ebu e Bakúwyt ma taj kini mene ka ama gaj kajá.
 ---Wazej mã uma ã gajá.
 Am wã ápa bu tama djina mã kajá.
 Ebu Bakúwyt mã ati kajá:
 ---Atea uma ã tere tamena, kaj axu bijã.
 Ebu alu mã anguju ta kabiá.
 Ema tuma lua tama kaj awejã.
 Ema pit ma ã tumalua, tama xima gaj kajá.
 U tea mã ta kaja dji te bu gat pij ma wudjit parat sa puã.
 Me wa te wandjej sa mã, e wa te ta sa de aluja ta kaj kia.
 Ebu alu maka gakura, ekuj alu ma butup ej abia, tampug, tampug ma tabiá.



Figura 2: Kasal, arara. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

Ebu alu ma lu mangere ma ej abi apej ká.

Ebu wanzej mã awane axijã, man kuj bu tama butup akap pi kajá.

Ã tigi te bu te gakurat sena kabyp mã, tag bu xisanu mã xi ku ka, ena um kiã liã xisanu mã kajá.

Ana te mensena gajej ja xiti mã ta kajá.

Am wã akuj tere bu te gakurat kena tungená.

Djia lia djina tere meserat alu angena mã ta kajá.

E bu Bakúwyt ma lu mangerea, pambi wet basape tá.

Ebu alu mena axa pulag ka e butup ej xit mia, a supup ká.

Pali uma djia ma ta kajá.

Dja alej ma kajá.

Meja ka alu andat kuj tea lia alu ti mã Kabyp ej kajá.

Am alu anga andat kuj awidjia lia mã ta kajá.

Ebu Wep ma kabyp kaja, pali ana mene ka te xima gaj erena tandat kuj um wã lia pangajá.

Ebu alu mena sambu ma i i ka ugup balu mena awia bapuã.

Padara gat Sali alu ma apakuá.

Talej a ka mã ama gaj kajá.

Am wã ma kajá.

Etere alu ma ama gaj kajá;

--wandjej ma bebej igi ená.

Etere alu ma gaj ma ta igi ewe ká. Menea wandjej já alu ma ta kajá.

Am tunga djina maj walia tama alu kajá.

Meja ka djina mãj wa te alia tuma papa ma tu kajá.

Tama Bakúwyt kaj ewe ká.

Me wet ta mejapi ta wap kuja tuma papa ma tu kajá.

Me wa bu te wandjej sa ma ama gaj kaj ewe ká.

Ebu tama ta malite ewe ká.

Etere Bakuwyt ma ka bulaj ma ã ewe ká. Bixakujêj ma ã ma kená.

Ã te alu dja bulaj ta kiã.

Basape byt ka ma lu taj tá.

Bulaj wa wandjej ja ma alej kajá.

Am wã lia bu alej ma Bakúwyt kaj epi te kiã.

Me pi kuã tami liã tuma papa ma tukaja alejma Bakúwyt kajá. Me wa bu te wandjej sa alu ma ewe ká.

Wandjej ma meng ma ã bengá ka bu Bakúwyt ma ama gaj kajá. Pasap ibi ka te alu mena ga manga bapuã.

Ã te bu te ga sa Kabyp ma we ikini mene ka, tag bu Wep ma kabyp ku ka ewe ká. Ana te me sena gajej ja bu Bakúwyt ma gaj ma alej kaj ewe ká. Am wã alej ma xima gaj kajá, anan dere bu te ga era tungenã.

Djia lia gajej ja djina tere mesera alu anga ga manga lia xiti ma alej kaj ewe ká.

Ebu alej ma é meng wa bapuã.

Ebu pama paga pawã, eka balu mã ta sue kala ta kap pajã menekala, ebu tama aweja alu kaja am tungena djikuj tusualia tama alu kaja, tu pi kure kuj bu tungena tu sua tama kaja, ebaluma alej pikure su eweka bapua, epi baluma terena menena akerea bapuã.

Epi bu ma ka irej wa taj ta kiã.

Pali irej wa mã ta kajá.

Ebu alej mã ani bia mangá.

Ana mene ka te me sakena meni ta Bakúwyt mã ta kajá.

Am wã djina tere tuj angena tu wet ta tama kajá.

Ewe ka mã ta kajá.

Ã ka ma ta kaja ip ku xibe tut kajá.

A ka buga Kabyp mã kajá.

Ã te ta ku xibe tut anga Bakúwyt mã ta kajá.

Aba ta sa kabyp ma kajá.

Tag bu Wep mã xiku ká.

Anã te me sena mã ta kajá.

Pabepuap mã garyp anzap e a te tungená.

Djia lia gajej ja djina tere pãserat alu angalia xima gaj mã ta kajá.

E balu mã wylywa mi ta kata bapuã.

Tung ta janwip ma ala.

Pyrywa mã ta kata talagap enate ta wataga bapuã.

Djigi djigi djigi mã adja kap ka irej aki kansera.

Ta jãm kala mejã ma ta kaja.

Ebalej mã ka betara kala ewe ká.

Ebu kabyp ej ma ka awasut ta tere betara kalá.

Ebu alej mã aku xi ma paga ip pabi ká.

Alej ku xi mena Bakúwyt pere igiã.

Te mẽj betara ikinia alu mã alej kaj gyjyg gyjyg gá.

Am karalia alej ku xi mã alu peregiã.

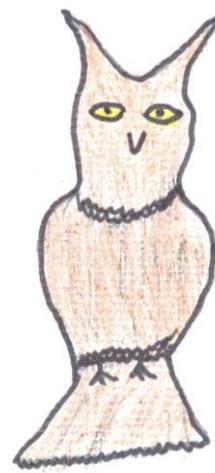


Figura 3: Bakuwa, coruja. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

ã te tunga kala karaliá.
 Tit alej mã alu ijala a ká.
 Ebu alej ku xi mã akanga aka alej jabujá.
 Ena mena ka alej ku xi mã alu peregi kurirá.
 Ebalu mã a kyt a sap kuj awulu um ta djande mene ká.
 A kate te tajena zap kuja alu mena awuluá.
 Te wadjej wulu ãkuja alu mã ama gaj kajá.
 Am wã ma alu kajá.
 Ebu alu mã angue suri ewe ká.

Ta kala ãka karea alu mã ama gaj kajá.
 Pytyg bu e Kabyp ej mã awane iju kajá.
 Um um iju Sali tama awane kajá.
 Paxit ti alu mã tu sakalia alej mã awane alu kajá.
 Mekerea iju ma alej kajá.
 Dji kuj balu sapuã mã ta kajá.
 Tea alej mã kajá.
 Man tigi bu tuma ka Bakúwyt kuja alej mã kajá.
 Pakajeja aja mã de pa kiã ute u ut kuja mã ta kajá.
 Um um iju mã.
 ã te Bakúwyt ja alej kalá.
 Te wanzej wulu ã kuja mã iju kajá.
 Am wã ma kaja wanzej ijerena denzana jěj atiga kiã mã.
 Wanzej sut ka mã alu mã kajá.
 Tea iju mã alu peregiá.
 Ebu alu mã bega alu ku ká.
 ãkuj bu tanga gabia alu mã kajá.
 Pakaja ana tenza djina jěj ati salia alu mã alu kajá.
 Tit alu mã ajbirixa ajbep kuj kiã.
 Xarap patag bu kabyp ej mã awane iju ku piá.
 Ebu alej maka awane bagabé kajá.
 Buliwej taga sakali tama awane kajá.
 Paxit ti alu ma, ã tusakali alej mã alu kajá.
 Mekerea bagabé mã ta kajá.
 Man ga bu tuma kena Bakúwyt kuj ã tumã tangã kiã.

Pakajeja aja mã de pa kiã mã ta kajá.
 Ute ã busã ap kuj te karea mã takajá.
 Ebu é Bakúwyp malu buliwej taga alu sali awane alu kajá.
 Te wandjej wulu ãkuja alu mã bagabé kajá.
 Am wã, wazej wekuj denzana buliwej taga kiã alu mã kajá.
 Ta kala bu neza kiã mã kajá.
 ãkuj te tapiri gãj mã Bakúwyt mã kajá.
 Egere ta kala tere kingarea bagabé mã Bakúwyt kajá.
 Ebalu mã alu pusã ka begá.
 ãkuj bu tãga gabia mã alu kajá.
 Pakaja ana bu tenzena beg bega panepu ka kiã ma kajá.
 Ebu Bakúwyt ma ka ajbepkuj te kiã.
 Pat bu Kabyp ej ma ka kiã.
 Iralaj kaj awanea asap ma, ã ta salia.
 Paxit ti alu mã tu sakalia alej mã awane ta kajá.
 Me kerea tama ta kajá.
 Dji kuj balu sapuã tama ta kajá.
 Man digi bu tuma ka Bakúwyt kuj kiã alej mã kajá.
 Pakajeja aja mã de pa kiã.
 Ute ã sap sewa ibikuj te karea alej mã ta kajá.
 ãte Bakúwyt já alej kala bapuã.
 Te wadjej wulu ãkuja mã ta kajá.
 Am wã wanzej wekuj de tusana tu sap ma ã kiã tama alu kajá.
 Wazej sut ka mã alu mã.
 Ana buga tama alu kajá.
 Ta kala bune zaka kiã tama kajá.
 ãkuj te ta malua Bakúwyt mã ta kajá.
 Ebu mã alej sap sewa ka begá.
 ãkuj bu tanga gabia alu ma bega zap sewa ká bapuã.
 Ana bu tenza djina tu sap sewa ka beg bega tama kajá.
 Engere ta kala ki garea alej ma kajá.
 Ebu Bakúwyt ma ajbirixa ta kalá.
 Xarap patag bu kabyp ej mã awane zap sewa ibipia.
 Ebu alej ma ka wakuj kaj awaneá.

Axim kŷj kajá.
 Paxit ti mā tu sakalia alej mā kajá.
 Me kerea mā alej kaja dji kuj balu sapuã ma alej kajá.
 Pangere panga karea mā alej kajá.
 Ebu tama akere alu tá.
 Ebu mā apygy manga alej kajá.
 ãte Bakúwyt djá ta kala kiã.
 Te wandjej wulu ãkuja mā wakuj kajá.
 Am wã wanzej ta denzana kiã ma kajá.
 ãkuj te tapi anga ma kajá.
 Ta kala tere bêka kingarea mā alu kajá.
 Ebalu mā ajbirixa kiã.
 Ebu kabyp wej mā mangere awane Paxit ti kajá.
 ãtu mā ema ã tama Paxit ti kajá.
 Ute naliã mā ta kajá.
 Am mā xiti pere parat mā alej kajá.
 Bebekut sep sã alu mā bapuã.
 Ebu Bakúwyt mā awane eká.
 Te wandjej wulu ãkuja mã.
 Alia mã alej kajá.
 ãte alej anga mã kajá.
 ã mã me ma ã wandjeja mã ta kajá.
 Paxit saburap ka tama bapuã.
 E bu ma eka ta juga já já já ta kajá.
 Pakajeja Paxit ma kajá.
 Ma bebekut sep ta purã salia mã kajá.
 Já já alu mã jug juga ta kajá.
 Tagap bu alu mã bebekut sep mã ata purusa ena man kujá.
 Wen bu sep ma ata purusa mene ká.
 Paxit ti sygy wylywa salia.
 Saj bu mena tandat ka saja.
 Tug balu mã ala aka mene ká.
 Ebu alej ma ka alu palala ta alu mãlite guda ká.
 Padara gat sali mã apa kuá.
 Ebu mã andat tenjã.



Figura 4: Wakuj, mutum. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

Gap kajã mã tandat kãj ka kylyg gá.
 Ebu mã apaku ewe ká.
 DJap ma perep kyp wa mã asa wateã.
 Ebu mã aka ati kabiá.
 Ebu gyly xiti mã xima girej kala kajá.
 Girej kala en ungaja mã ama gaj kajá.
 Mang bu mã tandat kajá.
 Atigi atigia mã kãj andat kãj kuj mene ká.
 Wali kãj abia xiti mã kiã.
 Atigi atigia mã kajá.
 Awetjy akãj kajá.
 Ana mene ka bu tasena djina xi ma gaj mã.
 Mang ga sapipi ká.
 Alia degej Sali tandat kãj ká.
 Dji talej saja engaja xi ma gaj mã kajá.
 Purusug mã asawate ati piá.
 Ebu mã ama wap igia bereá.
 Ena ta mena Bakúwyt aka wanzej a tiniá.

PAXIT TI PANE

Gakura Paxit ti ma gaj sali kabywej mã awaneã.
 Neku xi ma gaj menã.
 DJugá mene sat mi anga wulalia xisai mã alej kajá.
 Upé igi mej umbia anga mekaj jalia mã enate alej kajá.
 Awana alej mã ibugap ka makap alap tará.
 Am anga wulena muj wemi tea lia mã ta kajá.
 ãte já gylya, Buli gum tere ma alej ka wá.
 Uã ma alej ka wa mene ká.
 Majãku pekiryrej te elia mã ta kajá.
 Ebu ma jugua api jug ma ã.
 Bip kap jam miã.
 Eka tere mã awenjüt bá.
 Mawiria mã.
 E anga alej maseneá.
 Mawiria werewa pupagej pere pajã awějut bala kiá.
 Ebu kabyp mã aseneá.

Me guju bu mega gajeja mã alej kajá.
 E balej mã aguju ewe ká.
 Ma upé piri mejã mã ta kajá.
 Atygia alej mã kajá.
 Ebu Wep mã awejã upé piri pi kanzerá.
 Am upé anga kabyp mã xipi mali teã.
 Ebu Wep ma pyt pyra kajá.
 Djina um wã mã kajá.
 Am apé anga tama kajá.
 Tig mã alej bingá.
 Akabi ka ma ka alej tá.
 Ajbu mi mã alej tagá.
 Xarap bu xum gyp kap mã alej pi xala mene ká.
 Ma djiryra ma djiryra ma djiryra ma ka kap ibe wã.
 Jãnam bu e alej paxyn mã pukaj mi kajá.
 Etere mena alej wa bapũ.
 Etere xum gyp kap mena awa neá.
 Ebu wakuj mã epi tere awag ta alej kalá.
 Ebu neku petyj ma gup xit ka xum gyp perã sá.
 Ebu ma apere sá.
 Awag ta te alu ma papa angá.
 Ebu xum gyp ma aka jÿp teã.
 Ma wakuj aka enga papa neku petyj mã xum gyp kajá.
 Awag ta te wakuj mã bapũ.
 Ewe ka kut kura mã.
 Ebu alu ma kala kiá.
 Atigi pi tenza atigi pi tenza alu mã kala kiá.
 Byj balu ma ip nepu mansa eperum kujá.
 Benem bu wakuj mã alu ikiniá.
 E umbygy ea mã kajá.
 Bubu tung bu malu anguju kabiá.
 Ana tenza djina ma kajá.
 Eka uma lena ma kajá.
 Am wã lia ma kajá.
 Endyj ut ta bengã djina ma alu kajá.

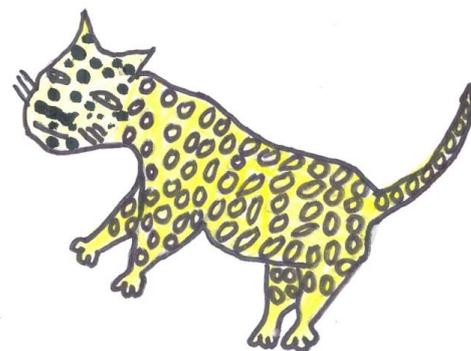


Figura 5: Neku, onça. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

Pandyj kala zande uwag ta mene ka bengena ungaja ma kajá.
 Ana de mam buj mam ma awi tete wakuj ma berea e neku petyj ake weá.
 Axiwěj ake atini mena enate bereá.
 Ena tete mena tyryte bereá.
 Etere e wakuj mena xum gyp ku majã.
 Am enga djina gyja māj ta ma kajá.
 Etere xum gyp mena apasale wulu neku petyj kajá.
 Ana bu ma gajej ut ta mena apasala kajá.
 Ebu xum gyp ma apere wepea we kajá.
 Ana tenza alu kaja ma ama papa kajá.
 Alu aka ma kajá.
 Etere alej ma baj bingá.
 Xidu ka eja kaja lia ma kajá.
 Dea lia ma kajá.
 Ebalu ma aka asap kujá.
 Ebu alu ma baj manga neku petyj adu ká.
 Epi bu xum gyp ma a yt te ani ká.
 Ebu e neku petyj ma sa yt ikini mene ká.
 Ana mene ka tenzena enguã xirig ta kia kajá.
 Am wã ma kaja u yt ta te ungena ma kajá.
 Gum ta uma lua lia kut kura ma kajá.
 Atigia te papa ma kajá.
 Edu ka anga ma kajá.
 Ebu ma ka apabe kyt bingá.
 Sag bu baj ma xipabe wá.
 Uã ma awe ká.
 Am ma pangum wembialia byp wa ma kajá.
 Tagap bu ma tandat ta puransá.
 Ana buga xum gyp má.
 Am we atiga ea má.
 Xarap bu ma awane asap pia ama papa kujá.
 Am ma pangum wembialia byp wa ma ungajá.
 Ana buga xima papa ma ana bu te pa sagá.
 Pali ma basa kap kata kut kura ma kajá.
 Dja papa ma alu kajá.

Ebu alu ma pasawa katá.
 Ebu ma binga eja lia alu kajá.
 Akap taga kap japia mene ka ma kajá.
 Dji kap āka lia ma kajá.
 Tig bu ma kap bin gá.
 Zeng ma kap at magá.
 Ebalu ma ja ma te kap kamyn wá.
 Tit balu ma ka ama papa kuj kiā.
 Kap binga te ma ki ma ama papa kajá.
 Ana bu te pa alu kaja tama akaj ewe ká.
 Ebu e neku petyj ma ama gat wa magerea bapuā.
 Ana te saka pukāj pere ka eja suga kaja lia alu ma alu kajá.
 Delia xum gyp ma ama papa kajá.
 Sug balu ma e pukāj mi kajá.
 Uā balu ma suga akaj mene ká.
 Am pukāj ma pambajap alia ma kajá.
 Ana tetaja xima papa ma kajá.
 Tem suga kaja ma kajá.
 Bua alu ma kajá.
 Am pukāj ma pabajap ma ungajá.
 Emi bu panga alu aka tama akajá.
 Ebu alej ma ka betyg kata kiā.
 Binga eja kia lia ma kajá.
 Tig bu ma binga kiā.
 Bag bag bu ma kaj kala enateá.
 Kāj xiralā eja gulua lia ma kaj enateá.
 Gadigej kala eja entea lia ma kajá.
 E benga pukāj bit kuj gadigej anzap manga lia alu ma apygy kajá.
 Abalu ma kāj xiralā guluá.
 Ebu ma gadigej anzyp manga pukāj bit kujá.
 Ma gadigej anga apa lia kut kura alu ma kajá.
 Á te papa ma alu kajá.
 Dji te tanga ma kajá.
 Am panga djina man kuj pu tiria lia ma alu kajá.
 Ebu neku petyj ma ka andja kap kapam tut mi ta igia ebalu ma awē tut teā.

Pa lang balu ma alu malitē pukāj bit kujá.
 Umba tea umba tea alu ma apa mene ká.
 Ewe tut tere xi ma pij ma aka su tut teã.
 Ebalu ma makāj manga tará.
 Am alu ma gadigej we kujá.
 Umba tea umba tea alu ma apyra bapuã.
 Tem alu aka xi ma papa ma kajá.
 Bua lia alu má.
 Dja panga alej ma akajá.
 Gat kap kuj alej mena apa lialá.
 Ekuj pāka lia alej má.
 Dea lia xum gyp má.
 Etere alej malu te alu awi terea alu ikiniá.
 Ali alu kum wã teteá.
 Ebu alu ma pua kum wã kajá.
 Pululu bu pu ej má.
 Digej kī xirikipāj ki pirip kurej kia maj ma awane alu kum wã pia bapuã.
 Ebu e xum gyp ma aka bapuã.
 Py tyg baj kit kajá.
 Unga galia ulu ma kajá.
 Ana nene ka baj kit ma alu kajá.
 Nekej alu ti kīj aka mana āwe ma kia ma kajá.
 Engerea alu ma alu kajá.
 Ana kiren uxu wepi kali bea alu ma alu kajá.
 Ana kiriali kiã alu ma xum gyp kajá.
 Tit balu ma ká.
 ã te nekuej dja alej ibem wã.
 Í í í ta ma awane baj kit kaj apat pe manga saka liá.
 Xum gyp alu aka tu sa kalia alej má.
 Anade te ta ka alej má.
 Ana terea alu ma ta kajá.
 Ate dapua anga wup wup wa te karea ma ta kajá.
 ã te unga wade zaka xum gyp akaj ta lia wara mapinia ma ta kajá.
 Uluga ma apat pe kajá.
 Te taj parat ra neku ma kajá.

Ebu ma ulug ga bat pe kajá.
 Alia ma kajá.
 Parat ma liá.
 Ta pali abi tete ta mena bapuã.
 Ulug bu sut te ma kiá.
 Ebi bu parat malu ulug gá.
 Paj bu bat pe ma ása e kajá.
 Talagap alu para wa tagá.
 Djina waratea baj kit ma asa wa tẽ apalialá.
 Am alej ma sagá.
 Ungaj dalu djina kia tama aku pat tá.
 Ebu alej ma ka xum gyp ibewã kiã.
 Pytyg bu xum gyp ma awane ena baj kit tjyn kaja.
 Unga galia alu ma kajá.
 Ana mene ka ma alu kajá.
 Nekej ti kÿj aka ma ãwe ma kia alu ma alu kajá.
 Ana kiren uxu we pikali bea mã alu kajá.
 Ana kiri kiã ma alu kajá.
 Pat balu ma aka piá.
 ã te nekuej ja alu ibewã.
 Basakap pea mã asabul miá.
 Xum gyp aka tusa kalia alej mã.
 Anade te ka alej má.
 Ana terea ma alej kajá.
 Ate dapua anga wup wup wa te kareá.
 ã te unga wade zaka xum gyp akaj talia wara mapini basa kap wa ma alej kajá.
 Ana tenzena kap pegea tama kajá.
 Ana ma ta kajá.
 Juga asa bul sereg ká.
 Bag bag bu basa kap ma apegeá.
 We parat tere ea tamá.
 Ebu neku sut ma awit kapea jug bag jug bagá.
 Etigi te bu parat maluá.
 Jug xaj ma asa but kap pege ena man kujá.
 Tung ma ala awiá.

Djina wara tea bu baj kyt ma apaliala ip axut ka tapiá.
 Ungaj dalena kia tama aku pat ta kiá.
 Pat bu tama ka xum gyp ibem kiã.
 Pytyg bu xum gyp ma awane angua sywa sali ga wirip tagá.
 Unga ganalia ma kajá.
 Ana te nena ewe makia ma kajá.
 Nekuej ti aka mena ewe makia ma kajá.
 Ana kiri en uxu wepika li bea ma kajá.
 Ana kiriali kia ma kajá.
 Pat xum gyp ma aka kiá.
 ã te nekuej ja alu ibewã kiá.
 Xum gyp alu aka tu sakalia alej ma awane alu kajá.
 Me kerea alu má.
 Anade te ka ta ma alu kajá.
 Ana alu ma ate dapua anga wup wup wa ma ta kajá.
 ã te unga ga wirip taga wade zaka xum gyp akaj ta mene ka ma ta kajá.
 Uwitea ma ama i kã kasera bapuã.
 Te masa axirika atiga me pia ma ta kajá.
 Am wã ta ma, jantigi ma bat xi mateã ma ej ma kiá.
 Bat xi ati anga ma parat ma kajá.
 Uwitea ma ewe ká.
 Gua wa enalia tama kajá.
 Ebu tenza guj bé xidjili zerat kaj kiliá.
 Uwi tea má.
 Ate bat xi ati anga má.
 Suluga tere gu ka má.
 Ebalu ma suluga tere xi ku ka ewe ká.
 Kyryj bu ma alu kap katá.
 Tung bu neku parat ma ala awi akap kata mene ká.
 Dji alu aka bu pangalia tama kajá.
 Tig bu tama bingá.
 Ana te panza alu kaja tamá.
 Dulug dulug balej ma saguã ká.
 Ewe ka alu agu ap agena bapuã.
 Ana bu tepa alu kaja tamá.

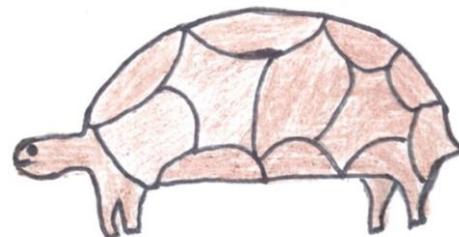


Figura 6: Amuã, tartaruga da lagoa. Ilustração de Carlos Xípipá Zoró, 2017.

Alu tiri bu panga tamá.
 Me pat kãj xura wa, amuã ma ewe ká.
 Ana bu te pa kaja tama kajá.
 Saja bu panga kaja tama kajá.
 Me tipe sura wa ma ewe ká.
 Alu tut manga bu panga tama kajá.
 Me pusap sura wa ma ta kaj ewe ká.
 Am wã alej ma jantigi bu i kat abytt sa puã tama akajá.
 Uwi tea amuã ma ewe ka tere na mene nã.
 ã aliã alej ma ewe ka eka bu pãka alu aka tamá.
 Uwi tea ma ewe ka terená.
 Tig bu tama xinepu ka bingá.
 Palãg bu tama malitẽ i kat ká.
 Bun bun bun balu ma i kat ka awi kanzerá.
 Pama alu aka lia nekej ma terená.
 Pali panga kia alej má.
 Nekej parat kap kata aty tyj tyj ma aseneá.
 Ate alu anga tama kaja alu aka pãka karea alej ma ajbirixá.
 Alu aka tere pãka karea tamá.
 Ebu tama alu kala ki i kat ká.
 Am tama xikini kalap kuja basakap ikini ki ixa ikini kia tete alej ma i kat ká.
 Awip na bu alu mena tama akajá.
 Pali pere wa tete kia alej mã.
 Nekej parat kap kata aty tyj tyj ma kiã.
 Ebu i kat ma apuj tea bapuã.
 Nekej parat kap kata aty tyj tyj ma kiã.
 Am tama kaj pa epia apuj tẽ i kat djande mene ká.
 Ebu xum gyp ma awane wasakuli kajá.
 Ip kajã e Sali api kũj miá.
 Unga galia xum gyp ma wasakuli kajá.
 Ana mene ka ma alu kajá.
 Nekej ti aka ma ewe ma kia alu ma kajá.
 Aja elej ma de pa kiã ma alu kajá.
 Anade te alu ka tama alu kajá.
 Ana alu ma ta kajá.

Ate dapua anga wup wup wa te karea ma ta kajá.
 Aka pawã ta ma alu kaja bapuã.
 Pangere panga karea wasakuli ma ta kajá.
 Pabiata te panga pangerea lia tama akajá.
 Kyp kyp wa te alu ma ip kajá.
 Api alu mena ta kajá.
 Ebu ta mena awẽ kuj apabe ta akereá.
 Ebu wasakuli ma apabe at ta neku wẽ kujá.
 Ebu neku ma wasakulu wẽ kuj apabe at tá.
 Ebu alu ma neku pabeka gusej tag matẽ ta ket ká.
 Ebu alu pabe ka neku ma axiã, pupagej kali tete ma alu pabe ká.
 Ana buga alu ma ewe ká.
 Ebu alu ma alu wendjaga kaj basaná.
 Awendjaga manga neku pabe ká.
 Ebu alu ma neku wendjaga manga apabe ká.
 Ana buga neku ma gusej tag djande awendjaga ka mene ká.
 Ana ungena me wa lia alu ma ta kajá.
 Ebu nekej ma alu ijala tea bapuã.
 Ebu tama ka xum gyp ibewã kiã.
 Pytyg bu xym gyp ma awane tukul kajá.
 Jugua saka lia ma awane kajá.
 Unga galia ma kajá.
 Ana te ewena ma kajá.
 Nekej ti aka ma ewena ma kajá.
 Ana kiren wepika li bea ma kajá.
 Ana kiri kia ma kajá.
 ãte e nekej já alu ibewã kiã.
 Xum gyp alu aka tusa kalia tama kajá.
 Tig balej ma alu binga bapuã.
 Ana te mesena ungaja ma alej kajá.
 Gyja bu ne mesa uwa kia ma alej kajá.
 Ebu tama alu sep palá.
 Am ma apusã sep pala matea ami tenzena be putẽ kina mene ka mena ená.
 Am en anga uwa mã ma sut kajá.
 En banga uwa mã ma parat kajá.

ã tigi en bu xuranga lia ma alu kajá.
 Engu ap tut ta ejalia ma alu kaja wali engu ap kuj tere ula lia ma kajá.
 Ebu alu ma aku ap tut ta bapua.
 Wen balu ma axiã alu ku ap kujá.
 Wa wa wa balu ma awi alu wendjaga miã.
 Betyg abi kuj ma apaliala apeputẽ epiá.
 Pytyg bu xum gyp ma ka awane alia ej kajá.
 Andja wũ tama bapua.
 Unga ganalia xum gyp ma ta kajá.
 Ana ten ewena tama kajá.
 Nekej ti aka mena ewena ma ta kajá.
 Aja tama de pa kiã ta ma kajá.
 Ana kiri mẽj uxu we pikali bea alu ma ta kajá.
 Ana kiri kia tamá.
 ã te nekej já alu ibem wã.
 Xum gyp alu aka tu sakalia tama alej kajá.
 Anade te ka alej ma ta kajá.
 E ana tama ta kajá.
 Ate dapua anga wup wup wa te karea tama ta kajá.
 ã te tunga wade tu saka xum gyp akaj ta tu wara manga alej ma ta kajá.
 Ana te mesena tamá.
 Puru pang puru pang purusug alej ma asawajã.
 We parat tere ea alej má.
 Djina bu panga kingarea alej má.
 Ebu nekej ma alej pere pajã kiã.
 Man kuj bu ta pali tete mena alap kuj aká.
 Manum bu tasut mená.
 Djina tere tugena matygia tama ma djande aka mene ká.
 Ebu mama ka kiã tung aka tereá.
 Aka tete taparat mena alap kujá.
 Etigi te bu waluxyn ma alej ija ma iã.
 Ebu alu mena awe ta mene kala api ená.
 Alej anga pabia lia tamá.
 Tig ta ma e walua wẽ bingá.
 Perep perep tama alu wẽ kajỹp tigiá.

Akuj te alia alu ka tamá.
 Alia atut ta alu Sali ip ká.
 Jug jug jug tama alu sapum kajá.
 Tagap bu alu sapum ma ata purusá.
 Ebu alu ma awaná.
 Xi sapum pit na alu mena etigiá.
 Akuj te alapaxia alu sa tamá.
 Ali alu tut ip ka enateá.
 Jug jug juga tama alu sapum ká.
 Xirāj bu tama alu sapum xibanigi teteá.
 Zapum pali ka tea ma ta kajá.
 Ungaj dalej xina kia tamá.
 Pat ta ma ka xum gyp ibewa kiá.
 Pytyg bu xum gyp ma awane wanzuj kajá.
 Unga ganalia ma kajá.
 Ana te ewe ma kia ma kajá.
 Nekej ti aka mena ewe makia ma kajá.
 Adja tama de pakia alu ma kajá.
 Ana kiren uxu we pikali bea ma kajá.
 Ana kiria li kia ma kajá.
 Āte nekej ja alu ibep kujá.
 Xum gyp alu aka tu sakalia alej má.
 Anade te ka alej ma kajá.
 Ana terea ma ate dapua anga wup wup wa te kareá.
 Wade zaka xum gyp akaj ta lia ungena djugua bej pia ma ta kajá.
 Djugua bu panga karea ma alej kajá.
 Dja alej ma kajá.
 Ebu alej ma apat pe pixa mangá.
 Me pat pe ma ĩ bu panga ma alej kaja kaxigyrej anga pandjap pusã wa bej ka nabua ma alej kajá.
 Dyg bu ma ka alej pat pe ta awã kuja anate kiri xum gyp aka epi kiã.
 Bere kala balej ma ewe ká.
 Í í í í balej ma ma kuj ma kuja apalia lá.
 Ena kabyp wej kĭ Bakúwyt kĭ Paxit ti kĭ Xum gyp kiã māj pané angá.

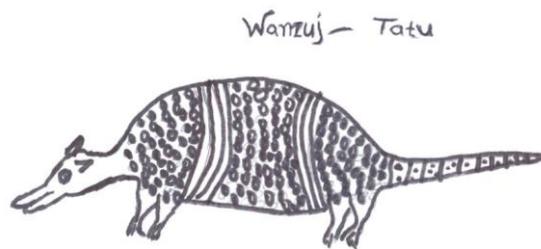


Figura 7: Wanzuj, tatu 15 kilos. Ilustração de Carlos Xipipá Zoró, 2017.

MITO DA KABYP E DA SUA IRMÃ WEP

ANTIGAMENTE OS ANIMAIS VIVIAM COMO SERES HUMANOS, FALAVAM E ANDAVAM.

Esse mito fala de duas irmãs chamadas Kabyp e sua irmã Wep. Elas queriam se casar, e resolveram fazer uma festa, fizeram convite para todos os animais. Os primeiros a chegarem à festa foram às araras, as irmãs as viram e disseram para o pai:

- _ Pai esses vão ser os nossos maridos.
- Vocês que sabem minhas filhas, é vocês que vão escolher.

Mas elas viram defeito neles, falaram que eles tinham o bico grande e desistiram de se casar com eles. Depois chegaram os periquitos, pelos mesmos motivos das araras, elas não quiseram se casar com eles, em seguida veio mutum pelo qual as meninas se interessaram e ficaram namorando com ele. Elas falaram para o seu pai, esse vai ser o nosso marido, papai, então elas pintaram a cara dele e os pés¹. Enquanto elas namoravam o mutum, veio a coruja e ficou tentando impressioná-las, elas não se interessaram por ele, mas mesmo assim, as meninas falaram novamente para o seu pai:

- _ Esse vai ser o nosso marido.
- Novamente ele disse que elas quem sabiam.

Mas enquanto elas namoravam com o mutum veio outro pretendente era o Paxit Ti ele era mais bonito interessante do que os outros pretendentes então elas deixaram o mutum de lado para ficar com Paxit Ti novamente disseram para o seu pai.

- _ Esse vai ser o nosso marido papai.
- _ Vocês é quem sabem minhas filhas. Falou o pai delas novamente, as meninas chegaram para o Paxit Ti e disseram:

- _ Nós vamos embora com você. E ele respondeu:
- _ Não, a minha mãe é muito brava. Elas nem imaginavam que a mãe dele era a mãe das onças.

- _ E também sou casado. Disse ele para elas.

E elas disseram:

- _ Não tem problema, nós vamos assim mesmo.

Enquanto isso lá fora a coruja falava que ele era rapaz bonito e perfeito para elas e cantava só perto delas, ele se achava demais e com isso as meninas estavam furiosas com ele.

¹ Como se sabe, as meninas pintaram o rosto e bico de vermelho e também as pernas e desde então essas partes do corpo do mutum são assim, é por isso que o mutum é preto e vermelho.

O canto da coruja:

_ Pan, pan, pan. Kudilij pan, pan, pan kudilij, cantava ele.

As meninas estavam furiosas com ele por que ele ficava só perturbando elas e fingiam que estavam gostando dele e com isso ele se achava mais, pois as irmãs estavam interessadas nele e cantava e bebia alegre.

As meninas diziam:

_ Essa coruja de perna peluda só fica cantando aqui.

_ Oque é que vocês estão falando meninas? Perguntou a coruja.

_ Nada não, só estamos falando que você poderia cantar só perto da gente, mentiram pra ele.

_ Ah tá, disse a coruja, eu sou um rapaz muito bonito e legal mesmo.

Aí que a coruja cantou mais ainda do que já estava cantando, e alegre porque achava que as meninas estavam gostando dele. Mas as meninas estavam mesmo era furiosas com ele e disseram novamente.

_ Essa coruja de olhos grandes só canta perto da gente, é? Será que não se enxerga, essa coruja.

_ O que vocês disseram, meninas?

_ Nada não, só estamos falando pra você continuar cantado aqui perto da gente.

_ Ah tá!

Enquanto isso Paxit Ti estava de partida.

_ Estou indo embora! Disse ele.

As irmãs disseram:

_ Mas nós vamos te procurar.

_ Podem ir, disse ele, mas antes ele fala pra elas.

_ A Coruja vai colocar a pena dele na minha entrada de casa e eu vou colocar a minha na entrada dele².

Depois de alguns dias elas vão atrás dele. Chegando nas entradas, elas ficaram confusas, por que na entrada viram a pena da Coruja em uma das entradas e a pena do Paxit Ti em outra entrada. Não se lembraram do que e Paxit tinha dito para elas no dia.

A Kabyp queria ir para a direção onde estava a pena do Paxit Ti e sua irmã na direção da pena da Coruja. De tanto Kabyp insistir e teimar, elas foram para entrada onde estava a pena do Paxit Ti, ou seja, para a casa da Coruja³.

² Na festa vieram vários pretendentes, mas o mito só vai falar mais desses animais citados até agora como a coruja e Paxit Ti, que é um tipo de passarinho. Ia vir mais animais para a festa, mas logo que a Kabyp e a tua irmã encontraram o seu futuro marido foi encerrada a festa, por conta disso não vieram mais animais para festa.

Andaram uns dois quilômetros na estrada e de longe a Coruja as avistou. Ele estava esperando por elas em cima da casa dele. Já sabia que elas iam para lá e gritou para sua mãe:

_ Mãe, as meninas vieram para me buscar e casar comigo!

A mãe responde:

_ Oh filho, eu acho que elas se perderam.

_ Não mamãe, elas vieram para se casarem comigo, sim. E desceu para recebê-las.

Logo de cara, elas já chegam falando para ele que elas vieram para se casar com ele, não conseguiram falar a verdade para ele, que elas estavam perdidas e queriam ir para casa do Paxit Ti, falaram que vieram se casar com ele.

Em seguida, pediram a mão da coruja para mãe dele. Ela disse sim para as irmãs.

_ Podem se casar com ele. Esse homem é mais bonito quanto a estrela do céu, guerreiro e bom caçador. Elogiando o seu filho, que em seguida falou para sua mãe:

_ O que as meninas vão comer, mamãe? Pergunta ele.

Ele não conhecia as meninas e não sabia o que elas comiam, pensava que elas comiam o mesmo que ele comia.

À noite, então, ele foi caçar, ele caçou a noite toda. Caçou ratos para elas. Quase amanhecendo deu vontade nas meninas de ir ao banheiro, enquanto isso bem no terreiro, ele mata um dos ratos e as meninas ouvem o grito do rato e a Kabyp fala:

– Ué, o caçador está aqui, é? A irmã Wep coloca a mão dela tapando a boca da irmã e fala pra ela parar com isso.

A mãe dele ouve e pergunta:

_ O que vocês estão falando, meninas?

E Wep responde:

_ Nada não, só estamos perguntando como o seu filho foi caçar longe.

A mãe responde:

_ Meu filho é assim mesmo, meninas, ele caça longe mesmo.

De manhã, ele estava com um monte de ratos no balaio, cheio de sangue em toda parte do seu corpo, que ele mesmo passou só para impressionar as esposas. Em seguida, chama as meninas para irem dar banho nele, mas antes disso a mãe dele fala para as esposas para não molharem a cabeça dele. E foram dar o banho nele, na hora que estavam dando o banho a Kabyp falou para a irmã:

³ A irmã Kabyp é mais conversadeira do que a outra irmã, Wep, ela falava o que vinha a sua cabeça, também era mais danada e teimosa. Sua irmã já era mais quietinha e obediente.

_ Vamos ver porque a mãe dele falou para não molhar a cabeça dele? Vamos molhar para ver o que acontece com ele?

Então elas pegam a cabeça dele e enfia a cabeça no rio e afoga ele. Com isso ele se afoga e desmaia, somente ao meio dia ele acorda e pergunta:

_ Cadê as meninas, mãe? Elas foram embora?

A mãe de responde:

_ Não filho.

Em seguida pergunta para a sua mãe:

_ A comida está pronta, mãe? Eram os ratos cozidos que a mãe dele preparou para elas. Aqueles que ele tinha caçado para elas e pede para servi-las. Porém, vendo que o almoço eram os ratos, elas falam:

_ Não comemos isso, o pai da gente falou que se a gente comer ratos não paramos quietos, sempre andaremos para lá e pra cá.

A Coruja fala:

_ O que as meninas vão comer, então?

Então ele vai atrás de outra coisa para elas. Dessa vez, ele vai atrás de uns insetos grilos pra elas, enrolado na palha de babaçu ele traz para sua mãe preparar de novo para elas. Depois de pronto as chama para comer novamente, e novamente elas rejeitam a comida que foi preparada para elas e falam o motivo:

_ Não comemos esses insetos porque a mãe da gente falou que se comer grilos o pé da gente vai rachar.

A Coruja fica confusa:

_ Então o que as mulheres comem?

Ele tinha roça e pede para a mãe dele ir junto com as meninas na roça buscar o milho. Chegando lá elas se deparam com a roça bem pequena, mas tão pequena que ele só queimou o espaço onde tinha caído uma folha de babaçu, e era lá que ele tinha só mais ou menos uns três pés de milho. Então, elas colheram o milho tudo.

Quando Kabyp viu a roça, falou:

_ Mas essa é a roça? Ela não ficava calada.

_ Cala a boca, mana! Fala isso não. Fala a sua irmã, sempre mais contida.

_ O que vocês falaram meninas? Perguntou a mãe da coruja.

_ Nada não, só estamos admiradas com a grandeza da roça, respondia Wep ponderando. Era mentira dela, claro.

O milho que elas foram colher elas comeram, por que elas conheciam esse alimento, mas foi muito pouco. E anoiteceu e as duas foram se deitar junto com ele. A

Coruja foi logo pegando nas partes íntimas delas querendo fazer amor com elas, mas elas foram espertas e logo bolaram um plano.

_ Nós não fazemos sexo. Falaram elas pra ele.

_ Fazemos aqui no meio dos dedos. Fala Kabyp para ele.

_ Ah sim, então está bem. Fala a Coruja. E começa a fazer no meio dos dedos das meninas. Enquanto isso as meninas apertam o pênis dele até ejacular no meio dos dedos delas, depois disso ele vai dormir alegre.

De manhã, ele as convida para tirar mel e as meninas levam as redes delas. A Coruja viu que elas estavam levando as redes e pergunta:

_ Por que vocês estão levando as redes de vocês?

_ É porque quando nós vamos para algum lugar longe levamos as nossas redes.

Respondem elas. E vão chupar o mel, chegando lá Kabyp pergunta para ele:

_ Ué, cadê o mel?

_ Lá está! Mostrando uma árvore com mancha onde a árvore escorria água da chuva, e começou a cortar a árvore com o suposto mel com o machado de pedra e derrubam a árvore no chão. Elas não levaram a vasilha para colocar o mel. Ele fura e começou a espremer os olhos para sair a lágrima dele para dizer que era mel e começou a falar:

_ Procure alguma coisa para colocar o mel, meninas. Disse ele. Elas obedeceram e pegam as coisas delas e foram atrás de procurar algo para colocar o tal mel. Assim, elas aproveitam para ir embora. Na folha das árvores elas colocaram o seu cuspe. Esse cuspe era para responder ele quando a Coruja chamar por elas, como se fosse elas respondendo ele. Enquanto o cuspe respondia ele, elas fugiriam. Como as meninas estavam demorando a voltar ele resolve a gritar para elas:

_ Acharam alguma coisa, meninas? Grita ele.

_ Não, espera um pouco, estamos procurando ainda. Respondia o cuspe delas.

Era sempre assim, quando ele perguntava por elas era o cuspe delas que respondia por elas. Com o tempo passando, o cuspe delas estava secando, então com isso a voz delas saia bem fraca como se elas estivessem bem longe. Quando o cuspe delas secou de vez não respondeu mais ele. E lá se foram embora as meninas atrás do Paxit Ti.

Quando a coruja percebeu que elas não respondiam ele voltou para sua casa, pensou que as meninas tinham voltado para a casa. Chegando em casa ele perguntou a sua mãe.

_ As meninas vieram embora, mãe?

_ Não, filho, não vieram para cá não. Respondeu sua mãe.

Preocupado com elas a Coruja vai atrás. Ele nem imagina que na verdade elas estavam indo atrás de outro. Enquanto isso, no caminho as meninas encontram um pombo, ele estava gemendo (hum, hum, hum). O pombo estava com dor de dente e chegam as meninas.

_ Estamos indo atrás do Paxit Ti, falam para ele.

_ Então siga, meninas, ele mora nesse rumo.

_ Estamos indo casar com ele, mais nós nos perdemos e fomos parar na casa na Coruja.

_ Vixi!! Falou o pombo.

_ Daqui a pouco ele estará e aqui atrás de vocês.

_ Vem meninas, entrem na minha boca e se escondam nas minhas buchechas.

Hum, hum, hum, o pombo continua gemendo, quando chega a Coruja.

_ Você viu as meninas por aqui? Pergunta a coruja.

_ Eu não, responde ele, estou com uma dor de dente e não vi ninguém, não.

_ Eu perdi as minhas mulheres e estou à procura delas.

_ É mesmo? Responde ele, disfarçando. Elas foram para onde. Pergunta o pombo.

_ O rasto delas estão para cá, responde ele.

_ Então volte e vai procurar elas onde você as perdeu. Retruca o pombo.

A Coruja desconfiada abre a boca do pombo e fala:

_ Eu acho que ela estão aqui! E abre a boca dele.

_ Para, para! Estou com dor de dente e você fica abrindo a minha boca. Grita o pombo.

Ele não viu as meninas escondidas na boca do pombo e volta atrás a procura delas novamente. Enquanto isso as meninas saem da boca e vão adiante. No caminho encontraram o Socó batendo timbó. Po, po, po, po lá estava ele batendo timbó, quando chega as moças:

_ Estamos à procura do Paxit Ti, nós vamos casar com ele.

_ Vão? É nesse rumo que ele mora. E mostra o rumo para elas.

_ Mas nos perdemos no caminho e fomos parar na casa da Coruja.

_ Eita! Já, já ele estra chegando aqui. Venham e se escodem aqui debaixo da minha asa. Falou para elas, e se escoderam.

E em seguida chega a Coruja atrás delas:

_ Você viu duas mulheres?

_ Não estou aqui batendo timbó sossegado e não vi nenhuma mulher passar.
Responde o Socó.

_ Mas para onde elas foram? O rastro delas está apontando para cá. Disse a Coruja.

_ Então volte para trás e vai procura-las. Disfarça o Socó.

Em seguida, a Coruja desconfiada, abre as asas do Socó e fala:

_ Eu acho que elas estão é aqui. Fala, abrindo a asa dele.

_ Para, para, para! O que você está fazendo? A Coruja não vê as irmãs escondidas debaixo das asas do Socó e retorna novamente para trás a procura delas. E as meninas continuaram a sua caminhada atrás do Paxit Ti e novamente no caminho depararam com os Guaxos. Eles estavam construindo suas casas.

_ Estamos indo atrás do Paxit Ti para casar com ele.

_ Tudo bem, responderam os Guaxos. Ele mora para lá, mostrando o rumo da casa dele.

_ Em vez de ir para casa dele, nos perdemos e fomos para casa da Coruja. Contaram mais uma vez.

_ Nossa! Hora dessas ele está chegando aqui atrás de vocês. Escondam-se debaixo da palha da nossa casa. Disseram guaxos.

Em seguida chega a Coruja e fala:

_ As mulheres vieram para cá?

_ Não, nem sabemos de mulheres nenhuma, só estamos construindo a nossa casa.

_ Perdi minhas mulheres.

_ Porque você não as procura. Disfarçaram os Guaxos.

_ Mas o rastro delas estão para cá.

_ Então volte onde tu as perdeu e procure de novo.

Antes de voltar ele levanta e procura elas debaixo da palha da casa deles e fala:

_ Eu acho que elas estão aqui debaixo.

_ Para com isso, elas não estão aí. Falam os guaxos para ele. E ele não as viu. E novamente ele retorna para trás à procura das meninas.

E seguiram em frente atrás do seu futuro marido, O Paxit Ti, mas, novamente, no caminho encontraram o Mutum e disseram mais uma vez:

_ Estamos indo atrás do Paxit Ti para casar com ele.

_ Vão, ele mora desse rumo para lá e mostra o caminho para elas.

Já era noite quando elas encontram o Mutum. Ele convidou elas para dormir na casa dele e elas passaram a noite com ele, nessa noite tiveram uma relação com o Mutum, de onde vai gerar uma nova história, mas antes vou contar a história da Coruja e as duas irmãs.

De manhã elas prosseguiram atrás do seu marido, Paxit Ti e logo atrás delas vem a Coruja e chega à casa do Mutum e pergunta:

_ Você viu minhas mulheres?

_ Não nem sei de mulher nenhuma, disse ele, procura elas por aí.

A Coruja volta novamente para trás, atrás das duas irmãs, enquanto isso as meninas enfim chegam à casa do Paxit Ti. Era bem cedo.

_ Viemos atrás de você para casar com você. Disse elas.

_ Pode chegar. Mas eu já disse para vocês, na festa, que a minha mãe é brava.

Ele estava tecendo o cabelo de Catete na ponta da flecha dele quando elas chegaram a casa dele. Enquanto isso chega a Coruja logo atrás delas na casa de Paxit Ti e novamente pergunta:

_ Você viu a minhas mulheres?

_ Sim, elas estão aqui.

Elas estavam sentadas no meio das pernas do Paxit Ti, e a Coruja diz para elas:

_ Meninas, eu vim buscar vocês. Bóra, bóra, bóra. E começa a puxar as meninas pelo braço.

_ Cuidado! Falava Paxit Ti. Olha o meu cabelo de catete! Vocês vão arrebentar.

E nada delas irem com ele. De tanto a Coruja puxar para irem com ele, acaba arrebentando o cabelo de Catete que o Paxit Ti estava tecendo. Ao arrebentar se espalha tudo pelo chão. O machado de pedra estava perto dele e, ele, muito bravo, dá uma machadada na cabeça da Coruja. Ela desmaia e cai no chão, ferido. Dali, então, eles pegam ele pelo braço e joga ele no lixo. Ele acorda ao meio dia, por que uma abelha pica o ferimento dele e também caíram bichos no ferimento. Ele se levanta e começa a xingar Paxit Ti de vários nomes e vai embora para sua a casa. Ele chega de tardezinha em casa e pede para a mãe dele caçar piolho na cabeça e quando a mãe dele se aproxima do ferimento, ele fala para ela:

_ Não mãe, aí não, vai pra o lado da minha testa. Com medo de a mãe dele ver o ferimento da cabeça dele e com vergonha. A mãe dele desconfiada não o obedece e vai ao meio da cabeça e fica espantada com o que vê.

_ Nossa! O que fizeram com você? Te machucaram?

E a coruja se levanta e pega um instrumento de música e vai tocar e assim termina a história dele nesse mito.

A KABYP E A IRMÃ SÃO DEVORADAS

E as meninas ficaram com o Paxit Ti, mas quando elas chegaram na casa dele a mãe não estava na casa e nem viu o que aconteceu com a Coruja. Ela estava caçando e, a mãe dele era a mãe de todas as onças. A esposa do Paxit Ti deu conselho para as meninas:

_ Meninas, a mãe dele vai chegar varrendo o pátio e vocês não podem rir dela. Obedeça a ela no que for, ela vai pedir para vocês tirarem espinho do pé dela e vocês tem que fingir que estão tirando, só obedçam a ela. Elas estavam em cima do assoalho da casa quando ela chega. Mas logo que chega, já de longe, sente o cheiro delas, e fala:

__ Nossa! Que cheirinho de podre. E pega a vassoura dela e começa a varrer o pátio e solta gases, imitando vários animais, tentando fazer elas darem risada e a Kabyp não se aguenta e começa a dar risada. Então, a mãe do Paxit Ti fala para elas descerem e pede para elas caçarem espinho no pé dela. A Kabyp não deu ouvidos aos conselhos da outra mulher do Paxit Ti que era para fingir que estava tirando o espinho dela. Já a irmã, Wep, obedece e fingia que estava tirando. E a Kabyp muito desbocada começou a dizer:

_ Cadê o espinho? Não estou vendo nada. E joga o pé dela cima.

E a outra falava:

_ Pare com isso!

E com isso a Onça fica brava com elas e pega as duas e as jogam no pilão e começa a esmagar, triturar elas. Enquanto isso, o ovo⁴ que estava gerando por conta da relação com Mutum pula para fora do pilão e a onça vai atrás para comer o ovo. Mas a outra mulher do Paxit Ti pega uma lenha com fogo e ameaça a sogra. Assim, a Onça não pega o ovo, mas em seguida ela come a duas irmãs. Assim é o fim das duas irmãs que foram devoradas pela onça por desobediência da irmã Wep.

A VIGANÇA DO XUMGYP (MUTUM)

A primeira mulher do Paxit Ti colocou o ovo que saiu das irmãs no algodão para chocar. Depois de alguns dias o ovo choca e dele sai o Mutunzinho. O nome dele é Xumgyp. A Onça, avó, o pega para ela cuidar e criar. Ele não sabe quem é o pai dele e também não sabe que a avó dele foi quem comeu a sua mãe e tia. O Xumgyp, quando já estava juvenzinho, de 12 a 13 anos, sua avó pede para ele ir caçar e matar o Mutum para

⁴ A história não fala especificamente de qual delas saiu o ovo. Como a Onça jogou as duas juntas no pilão, não dá para saber de qual das duas saiu o ovo. O mito não fala a qual das duas irmãs pertence o ovo.

ela. O Mutum estava gemendo, chorando desde que ela comeu as irmãs. Por isso pede para o matar e o jovem obedece a avó, sem saber de nada e vai. Ele vai bem quieto para o Mutum não ver ele. Xumgyp nem imagina que esse Mutum é o próprio pai. Ele está lá procurando por ele no alto, mas, sem querer, pisa em uma galha que quebra fazendo barulho e o Mutum o vê e desce. O Mutum percebe que é o seu filho e pergunta:

_ O que você está fazendo? E o filho responde:

_ Eu vim matar você.

O Mutum, pai dele, fala toda a verdade para ele e faz a cabeça dele. Conta que ele está vivendo com a pessoa que matou e comeu a mãe e tia e que desde que a Onça as comeu ele está chorando. É por isso que ele geme e chora tanto. Ao ouvir toda a verdade, o Xumgyp ficou muito bravo e perguntou para o pai dele:

_ O que eu faço agora?

_ Vamos vingar a elas e matar a Onça. Assim, eles planejaram matar a Onça. O pai dele pede para ele pegar uma cobra venenosa e por no cesto dela. E lá se foi ele com a cobra. Ele chegou triste e cansado e deita na rede. Quando ele estava deitado chega a avó onça e pergunta para ele:

_ Porque você está triste, meu filho?

_ Nada não, só estou deitado descansando. Responde ele e vai para o seu plano de vingança e fala:

_ Vó trouxe um bicho de estimação.

_ Ah é, e cadê? Pergunta ela.

_ Está no seu cesto.

E ela vai ver o bicho e coloca a mão para pegar quando leva uma picada da cobra venenosa, e ela diz:

_ Ai, Filho! Isso não serve para bicho de estimação, não. O veneno nem faz efeito nela e ela quebra a cabeça da cobra.

O Xumgyp parte de novo para o seu pai para dizer que o plano não deu certo e eles planejam outro para matá-la. Dessa vez, o pai dele pede para ele ir com ela tirar coco de babaçu. E lá foram eles. Chegando lá ele pede para ela segurar o pé do babaçu quando o pé estiver caindo para que os cocos não se espalhem. A intenção dele não era isso, e sim, era matar ela com o impacto do pé do babaçu.

_ Lá vai. Disse ele, pensando que ia dar certo o plano dele. Mas, novamente o plano deu errado, a Onça segura o pé de babaçu com muita facilidade, sem se esforçar e o neto come um pouco do coco só para ela não desconfiar do plano dele. E lá foi ele, de novo, contar para o pai o acontecido e pensaram o que fazer com ela depois dos planos

não terem dado certo. O pai dele, então, pede para que, de manhã, enquanto ela se esquentava na beira do fogo, pegar uma lenha com o fogo e cutucá-la para ver a reação dela. E assim dito, lá se foi ele.

Amanheceu o dia e sempre de manhã a avó dele se esquentava no fogo e Xumgyp prossegue com o seu plano. Enquanto ela se esquentava, sem ela perceber, ele pega a lenha com o fogo e a cutuca.

_ Ai, meu filho, não se brinca com o fogo! Fala a avó dele sentindo a dor da queimada. Em seguida ele vai contar para o seu pai.

_ E aí, filho, o que ela fez? O filho responde:

_ Ela falou que não se brinca com o fogo.

Então, eles planejaram matá-la com o fogo e o pai pede para ele ir com ela cortar a melhor lenha para o fogo. Chegando em casa, pede para avó irem tirar a lenha, e ela, inocente, aceita e vai com ele tirar a melhor lenha. Chegando lá, eles escolhem a melhor lenha e pede de novo para ela segurar a lenha para a lenha não espalhar. Ele corta e ela segura novamente com facilidade. Ela cortou muita lenha para sua própria morte, sem saber de nada. O Xumgyp vai avisar ao pai que a lenha está pronta.

_ Você acenderá muito fogo e tirará uns gongos para colocar no meio do fogo e você diga para ela pegar esses gongos. Fala para ela que os seus gongos estão queimando. Enquanto ela vai tirar, você empurra ela nas chamas.

E assim ele foi fazer. Chegando lá fez do jeito que o seu pai pediu. Ele fala para ela que os seus gongos estão queimando, ela, inocente, vai tirar os gongos do fogo, enquanto ela pega, ele a empurra nas chamas matando a sua avó de fogo. Rugindo de dor, ela vai morrendo aos poucos e ele coloca mais fogo nela, com o rugido dela nas alturas, as onças, os filhos dela, também começam a rugir como os gritos dela e assim o pai e filho se vingam da morte da sua mãe e tia. Logo depois, ele vai até ao seu pai avisar que o plano deu certo.

_Filho, você conseguiu mata-la? Pergunta o pai dele.

_ Sim, consegui.

E planejaram fugir para horizonte. Porém, antes de irem, eles passam no lugar onde ela foi queimada e vê as cinzas dela, ele assopra as cinzas dela. Ao assoprar, essas cinzas espalhadas se transformaram, fazendo surgir mosquitos, pernilongos, piuns e outros insetos que hoje existem na Terra. E foram embora do local. No caminho eles encontraram o Esquilo-mirim e Xumgyp fala para ele que estão fugindo. O esquilo mirim pergunta:

_ Mas por quê?

_ Eu matei a mãe de todas as onças.

_ Então vai, é, melhor você ir.

_ Oque você puder fazer para me ajudar, faça, por favor. Pediu, Xumgyp.

_ Está bem, vou ver.

E logo chegaram as onças atrás dele, rugindo e falaram:

_ Estamos indo matar o Xumgyp.

_ Eu também estou aqui preparando e o meu arco, talvez eu vá junto matar o Xumgyp.

E a onça pede para ver o arco dele:

_ Nossa! Esse seu arco é muito bom! E começa a puxar e vai passando de mão em mão das onças até chegar à onça mais forte e bonita onde ela puxa o arco bem forte e quebra e fura a sua garganta e ela morre. O esquilo grita:

_ Bem feito! Isso que eu queria fazer.

E foge correndo. As onças ficam bravas mas deixa ele de lado e seguem atrás do Xumgyp. Enquanto isso, Xumgyp chega ao encontro de outro tipo de esquilo, e fala:

_ Estou fugindo, porque matei a mãe das onças.

O esquilo diz:

_ Tem razão, tem que fugir, então vai.

_ O que você puder fazer para me ajudar, faça, por favor.

Esse esquilo estava comendo coco de babaçu, ele quebrava esses cocos com os seus testículos, puxava e estourava coco. Nesse momento, rugindo chegam as onças.

_ Estamos atrás do Xumgyp para matar ele. Faz tempo que ele passou por aqui?

_ Nada, ele acabou de ir. O cipó está até balançando ainda. Estou aqui comendo coco de babaçu, pode ser que vou junto com vocês matar ele.

_ Mas como você quebra esses cocos? Perguntam as onças.

O esquilo pega um coco quebra na frente deles, demonstrando.

_ Nossa! Que legal! E começam a quebrar o coco. Na hora que chega a vez da onça mais bonita e forte quebrar, sempre dava errado e ele tentava quebrar, mas se dava mal e acabou quebrando os testículos dele e morre. O esquilo grita:

_ Bem feito! Era isso que eu queria, e foge para longe das onças. As onças ficam bravas mas prosseguem e continuam atrás do Xumgyp.

O Xumgyp, mais uma vez, depara com uma tartaruga no caminho. Ela vive na lagoa, é uma tartaruga mirim e estava roçando a tua roça quando chega:

_ Estou fugindo, meu amigo. Eu matei a mãe das onças.

_ Então, vá. Já, já as onças estarão aqui. Disse a tartaruga.

_ Faz o que você puder pra me ajudar, por favor.

_ Vou ver. Responde.

Logo chegaram as onças, rugindo, ferozes e falam:

_ Estamos indo matar o Xumgyp, faz tempo que ele foi?

_ Nada, o cipó está balançando, ele foi agorinha. Estou aqui roçando a minha roça, porque talvez eu vá com vocês ajudar a vingar a mãe de vocês. Ai, estou morrendo de sede. Não tem um de vocês aí querendo urinar para matar a minha sede? Pergunta a Tartaruga para as onças.

_ Eu urinei agora. _Eu também. _ Eu fiz logo atrás. Diziam eles. Mas um deles disse:

_ Eu quero urinar. Como sempre ele era o mais bonito e forte do bando. A tartaruga ficou feliz com isso e pediu para ele se aproxima e fazer xixi na boca dele e disse:

_ Já pensou eu cortar o pênis do meu amigo? Coloca mais próximo. E quando viu que o pênis da onça estava dentro de sua boca, mordeu e cortou fora e a onça logo morreu.

_ Esse nós vamos matar! E pegou ele pelo braço, e pensaram o que fazer com ele, e começaram a dar uns socos no peito da Tartaruga. Hoje em dia essa Tartaruga tem o casco fundo na parte do peito dela devido as pancadas que as onças deram nele.

_ O que vamos fazer com ele, gente? Pergunta uma das onças.

_ Vamos queimá-lo.

A Tartaruga escuta isso e fala:

__ Não façam isso! Pois eu vou acabar com o fogo de vocês.

A tartaruga sabia que se elas o colocassem no fogo ele morria, então por esse motivo, inventou essa desculpa e as onças acreditaram nele e desistiram desse plano.

_ Então o que fazer com ele?

_ Vamos matar ele com a faca!

_ Não façam isso! Pois vocês vão estragar a faca de vocês. Diz ela.

_ Vamos então cozinhar ele?

_ Não façam isso. Pois assim vou estragar as panelas de vocês.

_ Tem uma lagoa logo ali na frente vamos jogar ele lá?

A tartaruga ouviu isso e ficou contente, pois sabia que jogando na lagoa não morreria. E disse:

_ Ah não! Assim, eu vou morrer, não me joguem na lagoa. Falava ela, disfarçando.

As onças que acreditavam em tudo que ela falava, o pegam pelos braços e joga na lagoa. Ela finge que está se afogando. As onças pensam ter matado ele. Viram as costas para ir embora e a tartaruga, com a cabeça de fora d'água, diz:

_ Eu cortei o pênis da onça. Rindo sem parar, fica zombando deles e as onças voltam a procurar ele para mata-lo, mas não conseguem encontrar dentro da lagoa e pensam que ele estava falando isso antes de se afogar, e novamente tentam ir embora e novamente a tartaruga sai e diz:

_ Cortei o pênis da onça e ri zombando deles.

Novamente retornam a procura-lo e não conseguem encontrar. Enquanto isso a lagoa estava enchendo cada vez mais de água. Mais uma vez, eles tentam ir embora e mais uma vez a Tartaruga tira sarro, mas a lagoa já estava muito cheia e desistem e vão atrás do Xumgyp.

O Xumgup mais uma vez encontra outro animal no caminho. Dessa vez é um tamanduá que estava plantando árvore.

_ Estou fugindo. Matei a mãe das onças.

_ Nossa! Então vai, por que já já eles estarão aqui.

Mais uma vez pede ajuda para ele.

_ Vou ver aqui o que eu posso fazer. Disse o Tamanduá.

Logo atrás chegam as onças rugindo, cada vez mais ferozes.

_ Que horas que o Xumgyp passou por aqui?

_ Agorinha, o cipó está até balançando ainda.

Já era noite quando eles chegam na casa do Tamanduá que convida para dormirem por lá. As onças falam que eles vão dormir junto com ele. Mas ele continua plantando suas plantas com as unhas para impressionar as onças. O Tamanduá estava mesmo era com medo delas, e chegou a noite e foram dormir. O tamanduá dormiu no meio de duas onças, a mão dele ficava próxima do traseiro da onça, e a mão da onça ficava perto do traseiro do Tamanduá. No meio da noite ele acorda e viu que fez cocô na mão da onça e vê que no cocô dele só tinha cupim. A onça também fez cocô e ele viu que no cocô da onça só havia ossos de animais e ficou imaginado que poderiam ser os ossos dele. Então ele bolou um plano. Fez a troca dos cocôs e ao acordar, a onça ficou assustada ao ver o seu cocô cheio de cupins. O Tamanduá fica se mostrando com o seu cocô cheio de ossos de animais e fala para as onças que elas podem ser a próxima

vítima dele, fazendo com que as onças tenham medo dele. E as onças, acreditam e partem atrás do Xumgyp, deixando o Tamanduá em paz.

Novamente, Xumgyp, no caminho, encontra uma ave, chamada de tukul⁵, carpindo o seu quintal e fala a mesma coisa que falou para os animais anteriores e parte para a sua fuga. E atrás novamente chegam as onças perguntando do Xumgyp. As onças seguram esse tukul e tentam devorar ele, mas ele é muito esperto e fala para comerem ele com calma, que não e para eles terem pressa e pede para tirarem as penas primeiro. A onça obedece e começa a tirar.

_ Nós somos muitos. E pia para os outros tukul da floresta que respondem, com um grande barulho de piados para impressionar as onças pela quantidade.

A onça mais fraca e desajeitada é quem está tirando as penas, mas o tukul não deixa tirar as penas das asas dele. Depois de terminar ele diz que vai escolher a onça que vai devora-lo, porque não quer que qualquer um o coma. Ele vai escolher a onça mais forte e bonita e pede para colocar ele em cima de um cipó abrir bem a boca para ele cair dentro da boca da onça. Assim feito, a onça pensa que vai comer ele e abre sua boca, mas o tukul, esperto, em vez de cair na boca da onça faz cocô, e desesperada, a onça grita e morre com o cocô do tukul que voa para bem longe das outras onças, fugindo deixando a sua vítima no chão. Assim não tinha como as onças alcançarem o tukul e prosseguiram a sua vingança atrás do Xumgyp.

Enquanto as onças vêm atrás dele para se vingar, o Xumgyp, encontra no caminho dois macacos preguiças brincado.

_ Estou fugindo porque matei a mãe das onças. E mais uma vez, pede para ajuda se puderem.

Em seguida, chegam as onças atrás dele e falando que estavam indo vingar a morte da mãe deles.

_ Quando o Xumgyp passou por aqui?

_ Acabou de ir. O cipó ainda está balançando. Estamos treinando aqui pois talvez vamos junto para matar o Xumgyp. Disseram os macacos.

Então as onças perguntam:

_ Mas o que vocês estão fazendo?

E os macacos ensinam como era para eles. As onças começaram a brincar e pular como eles. Eles pulavam de cabeça em cima da pedra. As onças feias conseguem fazer como os macacos preguiças e gostam da brincadeira e começam todos a brincar. Mas a onças bonitas e fortes não conseguem e acabam morrendo ao pularem de cabeça

⁵ Codorna nativa da floresta.

na pedra. Quando isso acontece os macacos preguiças falaram que isso era normal, que acontece com eles também, assim, continuam e as onças mais fortes vão só se dando mal e vão morrendo um a um. Os macacos preguiça iam matar todas as onças, mas um Caramujo fez com que a onça desconfiasse, ele estava com medo e estava tentando se esconder e a onça desconfiou disso e avisou às outras onças. E foi só por isso que não morreram todas as onças. Seguraram esse caramujo pelo rabo e entortaram ele todo⁶ e procuraram o macaco preguiça e o acharam pendurado na árvore e começaram a puxar, puxar e nada e puxaram mais forte e com isso eles acabaram quebrando o rabo dele e por isso que, hoje, o macaco preguiça não tem rabo. Eles também pegaram o Tamanduá mirim pelo rabo e tentaram puxar ele. De tanto insistir, acabaram tirando o couro do rabo dele. Ele achou o rabo dele bem bonito sem o couro, e, desde então, o rabo dele também está sem o couro.

De tantas mortes que aconteceram com as onças, elas estão em menor quantidade e avançaram atrás do Xumgyp. Lá na frente, o Xumgyp encontra mais um animal, dessa vez o Tatu de 15 kilos. Ele estava varrendo a área da sua casa quando Xumgyp chega e diz:

_ Estou fugindo. Eu matei a mãe das onças!

_ Então foge mesmo pois daqui a pouco elas estarão chegando atrás de você.

Antes de partir, pede para ele ajuda-lo e o Tatu fala:

_ Vou ver o que posso fazer por ti. e

Xumgyp parte embora e, em seguida, chegam as onças atrás dele.

_ Estamos indo matar Xumgyp. Quando que ele foi?

_ Agora. O cipó está balançando ainda! Estou aqui varrendo a minha área porque talvez eu vá junto vocês para ajudar a matar esse Xumgyp.

Então, pede para as onças ajudarem ele a varrer a área da casa. Elas aceitam e ajudam antes de irem atrás do Xumgyp. Para ajudar o Tatu, as onças colocam seus arcos e flechas em um canto e, ao ver isso, o Tatu fala para as onças que vai guardar os arcos e as flechas deles dentro da casa dele, porque se deixar aqui fora os grilos vão comer as penas das flechas. Então, pega e leva para dentro da casa as flechas e os arcos, só que a intenção dele não foi ajudar e sim despistar as onças para ajudar o Xumgyp. Ele não devolveu as flechas e os arcos deles e nem voltou mais da moradia dele. Assim, as onças ficaram sem suas únicas armas e com isso não tinham com o quê matar o Xumgyp.

⁶ Por isso, desde então, o caramujo é todo enroladinho e anda torto.

Eles desistem da vingança e se espalham pela floresta e por esse motivo que, hoje em dia, as onças não vivem em bando por que se espalharam depois de falharem com a vingança pela morte da mãe de todas as onças. E Xumgyp, graças à ajuda dos outros animais, conseguiu fugir das onças e foi embora para o horizonte e ficou para sempre.

Assim é o mito da Kabyp e da sua irmã, Wep, que queriam se casar, que os mais velhos contam para os mais jovens desde os tempos imemoriais.

3.2 O MITO E SEUS SIGNIFICADOS

Como já foi dito anteriormente, os mitos do Povo Zoró são transmitidos oralmente de geração em geração pelos mais velhos desde os tempos imemoriais, através da contação das narrativas nos momentos de descanso, à noite. Segundo minhas pesquisas, junto ao meu tio Valdo, os mitos só podiam ser contados à noite, nunca durante o dia, porque, se fosse contado durante o dia o Veado chegaria para pisotear em cima de quem contou e todos à sua volta. Normalmente, os netos pediam para os avós contarem. E contavam para as crianças dormirem, e muitas dormiam antes de chegar no final.

No caso da história tratada aqui, do mito da Kabyp e Wep, trata-se de uma narrativa muito longa e também muito divertida. Então, sempre que o adulto começava a contar para as crianças, todos os outros adultos da maloca iam ouvindo e ficavam rindo e debatendo os detalhes da história. E conforme os comentários iam diminuindo significava que todos iam dormindo. Quando o narrador percebia o silêncio era porque todos haviam dormido. Assim, na noite seguinte ele recomeçava a contar de onde havia parado.

Para nós, essas narrativas sempre foram entendidas como verdade histórica, e não no sentido do mito como o não indígena entende, como ficção ou lenda. Porém, hoje, os mais velhos não estão mais contando os mitos. O contato com o não indígena e também, um pouco pela influência da religião externa em nossa Terra, talvez sejam os motivos de os anciãos estarem deixando de lado a contação dos mitos deles para os jovens. Se o mito ficar apenas na narrativa oral e nas memórias dos mais velhos eles podem acabar não sendo aprendidos pelos mais novos e com isso muitos saberes se perderem.

Abaixo apresento, um quadro de sistematização que construí para a análise do mito. Pois, um dos aspectos mais fortes desta narrativa eram as relações natureza e cultura presentes no decorrer de toda a história. O mito traz muitos personagens e, entre eles, bichos e gente. Antigamente, os animais eram como gente, pensavam, falavam e comunicavam tanto entre eles quanto com os humanos. Na pesquisa constatei, segundo conta Valdo Zoró, que nós zoró os víamos como gente mesmo. Assim me interessei em tentar aprofundar os significados do mito e as relações com a vida social do Povo Zoró. Para isso, optei por fazer o quadro abaixo onde aponto os personagens presentes na narrativa, tanto bichos quanto gente, seu papel na história e sua importância no mito, tentando estabelecer alguns aspectos da relação natureza e cultura para a vida social do Povo Zoró.

Quadro 1: Sistematização e análise da narrativa⁷:

NOMES NA LÍNGUA ZORÓ	NOMES NA LÍNGUA PORTUGUESA	PAPEL NA HISTÓRIA	IMPORTÂNCIA NA MITO	CATEGORIA DE ANÁLISE
Kabyp	Kabyp	Uma das irmãs	A irmã faladeira, desbocada e desobediente. Isso que fez elas virarem comida da mãe das onças.	Personalidade/Nomeação: Quando uma menina zoró é desobediente, faladeira é chamada de Kabyp
Wep	Wep	A outra irmã	Irmã obediente e quieta. O oposto da outra. Fica tentando conter/ponderar a irmã.	
Kasalej	Araras	Convidados da festa	foram rejeitadas pelas irmãs	
kinej	Periquitos	Convidados da festa	foram rejeitadas pelas irmãs	
Bakuwa	Coruja	Rejeitado pelas irmãs	Ele é Faceiro, Garboso, mulherengo, insistente. Faz a história ficar engaçada e é enganado pelas irmãs	Personalidade/Nomeação: Quando um menino zoró é faceiro, se achando, rodeando muito as meninas é chamado de Bakuwa
Wakuj	Mutum	Pai do Xumgyp	Ele sofre com a morte das irmãs. E se junta ao filho para vingar a mãe e tia.	Transformação: Como se sabe bico e as pernas dele ficaram vermelhas depois que as irmãs pintaram e assim ficou a forma dele.
Paxit Ti	Um pássaro nativo	Pretendente das irmãs. Escolhido por elas	Ele é uns dos principais personagens da história	

⁷ A ordem do quadro está indicada conforme a aparição do personagem na história.

Neku Petyj	Onça	Mãe do Paxit Ti e a Mãe de todas as onças	É muito brava. E devora as irmãs por desobediência da Kabyp.	Personalidade/Nomeação: Quando um zoró é chato ou bravo recebe é chamado de Neku Petyj
Nekej	Onças	todas as onças que vem vingar a mãe	Antes eram como gente, tinham arco e flechas. Depois que o Tatu escondeu, ficaram sem e perderam a força de andarem em bando.	Transformação: antes andavam em bando como Queixada, depois de matanças deles pelos outros animais no mito hoje são minoria e não andam mais em bando, apenas só ou em dupla.
Iju	Pombo nativo	Ajuda as irmãs a fugirem da coruja, escondendo-as	São parceiros das irmãs quando estão indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Bagabe	Socó	Ajuda as irmãs a fugirem da coruja, escondendo-as	São parceiros das irmãs quando estão indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Ilalej	Guaxo	Ajuda as irmãs a fugirem da coruja, escondendo-as	São parceiros das irmãs quando estão indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Baj Kit	Esquilo mirim	Ajuda as irmãs a fugirem da coruja, escondendo-as	São parceiros das irmãs quando estão indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Baj Kit Tyg	Esquilo	Ajuda as irmãs a fugirem da coruja, escondendo-as	São parceiros das irmãs quando estão indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Tukul	Codorna	Ajuda as irmãs a	São parceiros das irmãs quando estão	

		fugirem da coruja, escondendo-as	indo à procura do Paxit Ti, enganando a coruja. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Amuã	Tartaruga da lagoa	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceira do Xumgyp enganando e matando a onças que queria se vingar. Ajudando a deixar a história engraçada.	Transformação: De tanto as onças darem pancadas em seu peito, ficou afundado. E o formato do peito da tartaruga hoje é assim.
Wasakuli	Tamanduá	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceiro do Xumgyp enganando e matando a onças que queria se vingar. Ajudando a deixar a história engraçada.	
Alapaxia	Tamanduá mirim	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceira do Xumgyp enganando e matando a onças que queria se vingar. Ajudando a deixar a história engraçada.	Transformação: O formato do rabo dele é sem o couro porque as onças de tanto puxar o tiraram. Por esse motivo hoje ele não tem couro no rabo
Walua	Caracol	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceiro do Xumgyp enganando e matando a onças que queria se vingar. Ajudando a deixar a história engraçada.	Transformação: De tanto as onças tentarem puxar ele, entortou o seu corpo, por isso o formato enrolado que conhecemos hoje
Alia	Macaco preguiça	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceira do Xumgyp enganando e matando a onças que queria se vingar. Ajudando a deixar a história engraçada.	Transformação: De tanto as onças puxarem ele pelo rabo acabou arrebitando e hoje o macaco preguiça não tem rabo.
Wazuj	Tatu 15 kilos	Ajuda o Xumgyp a fugir das onças que queriam vingar a morte da mãe	É parceiro do Xumgyp enganando e escondendo as armas das onças. Fazendo as onças desistir de vingar. Ajuda a deixar a história engraçada.	É quem provoca a transformação das onças

Podemos notar que a esta narrativa Zoró aponta categorias importantes. Primeiro descrevi como uma categoria de personalidade/nomeação. Minha avó me contou que:

"algumas pessoas contam que a irmã Kabyp era muito faladeira, mais assanhadinha, enquanto a outra irmã era mais quieta, obediente, respeitosa. Assim é um pouco os dias atuais" (Hugo Cinta Larga/Joana Zoró, Novembro 2017).

Portanto isso se reflete na vida social do povo Zoró. Meu tio falou que as meninas hoje em dia, "*são Kabyp*", inclusive quando uma menina é assim, são nomeadas dessa forma. Ou seja, são apelidadas de Kabyp. Por conta da personalidade parecida com essa personagem significativa do mito. Da mesma forma, acontece com os meninos que são "*mulherengos e vivem rodeando as meninas*" são comparados com a coruja. Então quando os meninos na aldeia ficam muito rodeando as meninas, só perto delas são apelidados de Bakuwa. Quando a pessoa é muito brava ou muito chata recebe, do mesmo modo a nomeação de Neku Petyj, referindo-se a mãe de todas as onças. Por esse motivo, nomeei essa categoria como Personalidade/Nomeação. Ou seja, o mito nos aponta para modos de ser que encontramos em nosso grupo social.

Outra categoria apontada foi a de transformação. Se refere aos aspectos que apontam mudanças no modo de ser de um animal. Por exemplo, o mutum que após as irmãs o pintarem na festa com o urucum passa a ter as pernas e o bico de cor vermelha, antes disso ele era todo preto. A tartaruga do lago, tem o peito afundado, conforme o mito se originou após os socos deferidos pelas onças nele. Assim, vamos percebendo as transformações conforme o quadro acima.

Perguntei aos meus colaboradores quando surgiram os mitos. Tanto meu tio, quanto a minha avó, disseram que isso já vem de muito tempo, que eles já sabem disso desde muitos anos, desde muito novos, pois os outros velhos antes deles vinham sempre revivendo as histórias quando contavam para eles. Uma dúvida que tinha era saber porque os animais que vinham como pretendentes das meninas eram somente animais de pena. Onde os colaboradores esclareceram que isso ocorre porque quando elas decidem quem é o escolhido, a festa acaba, então não chega a aparecer mais pretendentes de outros tipos de animais. Porém eles vieram, todos foram convidados, mas a festa se encerra logo que elas decidem pelo Paxit Ti. Perguntei ao meu tio, para ele qual era o significado dessa história. Segundo ele, o significado principal era o surgimento da desobediência, ciúmes e brigas por mulheres. O que aponta para o fato de que o mito tem a função social de contar a origem das coisas significativas para um povo, e também, mais uma vez demonstra o reflexo de uma narrativa mítica na vida social de um povo.

Também o questioneei sobre o fato das narrativas envolverem animais e gente, ele me disse que é porque os animais se comunicavam com os seres vivos nos tempos de antigamente e por isso que as histórias envolvem animais. Ou seja, eram como gente, e nós os víamos como humanos também, ou nos víamos como bichos também, não havia essa separação, tanto que nos comunicávamos normalmente.

Portanto, sugere que para o Povo Zoró a relação natureza e cultura é algo junto, uma coisa não está desligada/separada da outra. Não é só o humano que comunica, pensa, raciocina, os animais também e conviviam juntos. Então para encerrar perguntei porque se separaram e quando. Ao que ele respondeu que os animais e os seres humanos separaram depois que o Xumgyp matou a mães de todas as onças, Neku Petyj, e depois disso os animais viraram o que é hoje.

Uma de minhas tentativas de incentivar as crianças e os jovens a gostar das narrativas orais foi trabalhar um pouco com o mito que pesquisei para esse trabalho em minhas aulas de antropologia, em uma turma de 7º ano Escola Indígena Estadual Zawa Karej Pangyjej. Fiz a contação da narrativa de forma oral, após isso, expliquei um pouco do meu trabalho de pesquisa para a Universidade. Que estou fazendo isso porque não está sendo mais contado. Que ainda hoje, só temos oralmente. Que é muito importante ter a oralidade, que ela é muito necessária, mas que não é mais o suficiente. Que agora é importante fazer o registro, gravando e transcrevendo e até mesmo traduzindo para o português.

Os meus alunos gostaram da aula, e eu percebi que preciso fazer mais, preparar a aula de forma mais completa, com uma sequência didática, produzir material a partir da contação oral, enfim. Foi uma experiência importante para perceber como pode ser feito em um futuro próximo.

Já ouvi algumas vezes, os pais de alunos dizerem que os professores que ensinam a "*falar como antigamente, fazer como antigamente, está incentivando a voltar pra trás*". Na cabeça de alguns pais, isso é "*regredir*", voltar ao passado, pois hoje o mundo mudou e Zoró não é mais como antigamente e também não deve ouvir suas histórias originais.

Mas entendo, de maneira diferente, isso não é regredir. Contar nossas histórias não é regredir, é contar o que eles não sabem, como que era a cultura antes, e que hoje não está sendo muito contando por conta dos pais estarem cada vez mais ligados as religiões externas. É como se nossas histórias, danças e outros ritos não fossem bons, não fossem adequados para a nossa vida mais, que não é mais a nossa cultura. Mas é preciso entender que essa é a nossa origem, a nossa raiz e que é conhecendo nossas

histórias e culturas que vamos seguir fortes e juntos e nos mantermos Zoró, inclusive, mantermos nosso território e nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo contribuir significativamente para o povo com a importância dos seus mitos e seus significados. Além disso, o projeto teve ainda o papel de tentar propor uma forma de preservar o patrimônio cultural imaterial de conhecimento adquirido pelo povo com o passar do tempo, e que estarão disponíveis com a finalização deste registro e análise e de outros trabalhos que poderão vir futuramente.

Com este trabalho foi possível perceber, de certa forma, como se dá a concepção de vida do Povo Zoró, o que significa ser Zoró. Isso foi possível a partir da análise das relações natureza, cultura e vida social cotidiana. Uma narrativa oral pode nos ajudar a definir quem somos, e sua constante contação nos faz reviver a história, nos traz a memória ancestral de nosso povo de maneira viva e real, percebendo vários aspectos em que, o que acontece no mito, também acontece na nossa vida e na natureza que nos cerca.

A importância da natureza para o povo Zoró é que ela é a vida do povo, não existe separação do que é a natureza e do que é ser Zoró, não existe separação da natureza para a vida coletiva. Nós vivemos na terra e da terra, nos comunicamos o tempo todo com ela, ou ela conosco. Às vezes, até mesmo sem a gente perceber, os saberes estão totalmente interligados, por exemplo, quando a coruja começa a esturrar à noite está querendo dizer que no outro dia chegará um visitante; quando o macaquinho Zog Zog fica gritando de manhã é sinal que tem chuva vindo mais tarde, e esses avisos se confirmam. Ou seja, são formas de comunicação, e os povos antigamente com esses e outros vários exemplos agiam e se protegiam, prevenindo, enfim.

Por isso vejo vários pontos positivos em se fazer um trabalho de pesquisa como esse. Um deles é a apropriação dos conhecimentos necessários de como se fazer uma pesquisa, e agora poder seguir com outras pesquisas na minha aldeia para os trabalhos na escola, junto com os sabedores, orientadores da cultura e os alunos. Também é esse tipo de trabalho que vai trazer incentivo para outros acadêmicos Zoró que estão na UNIR a seguirem pesquisando.

Isso é necessário porque, cada vez mais, os velhos não estão contando os mitos para os mais jovens desde o contato com o não indígena, sendo que este contato apesar

de parecer "amigável" não deixa de trazer violências sutis, ou seja no dia a dia vamos deixando de praticar o que fazíamos antes, como narrativas orais, festas, rituais de passagem, músicas, danças, bebidas e comidas próprias.

Se for possível, fazer uma pós-graduação, pretendo continuar estudando e aprofundar mais nas narrativas míticas do Povo Zoró e seus significados, fazendo mais registros de outras histórias importantes.

REFERÊNCIAS

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. São Paulo, Hucitec, 48- edição, 1983.

MINDLIN, Betty. O fogo e as chamas dos mitos. **Revista Estudos Avançados**, 16 (44). 2002. p. 149-169.

_____, Betty e narradores indígenas. **Mitos Indígenas**. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.